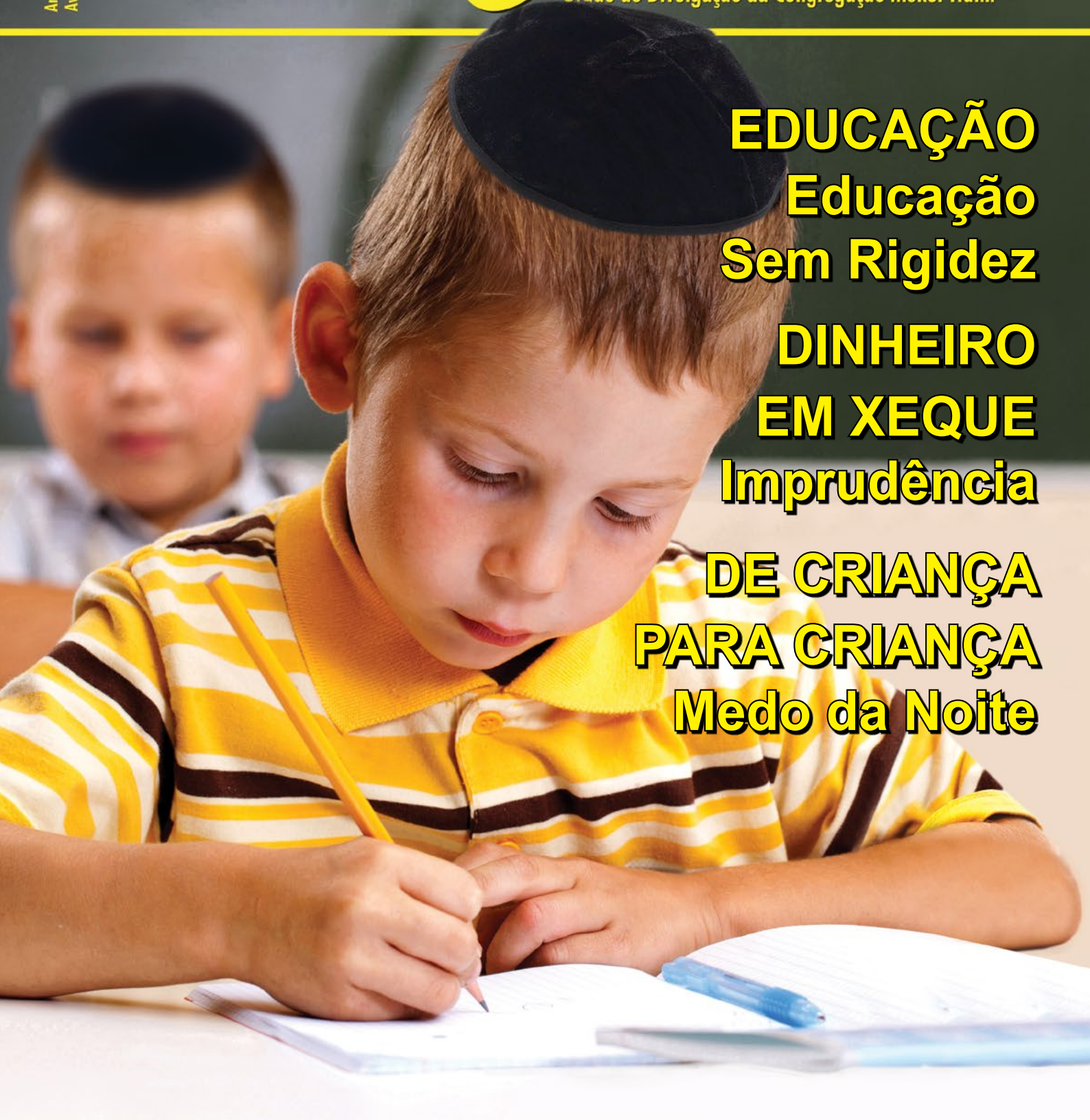


www.revistanascente.com.br

Ano XXVII • Nº 164  
Av / Elul 5779 • Ago / Set 19

# NASCENTE

Óraão de Divulgação da Congregaão Mekor Haim



**EDUCAÇÃO**  
Educação  
Sem Rigidez

**DINHEIRO**  
EM XEQUE  
Imprudência

**DE CRIANÇA**  
**PARA CRIANÇA**  
Medo da Noite



# QUALIDADE E VARIEDADE IMBATÍVEIS!

Aqui você encontra alimentos sempre fresquinhos e de qualidade por preços incríveis. Abasteça seu carrinho de compras com mais sabor e saúde, **#VemProSacolão.**

EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA



RUA DONA VERIDIANA, 158/162  
HIGIENÓPOLIS ☎3331-4672

**HORÁRIO DE ATENDIMENTO:**  
SEGUNDA A SÁBADO: DAS 7H ÀS 21H.  
DOMINGOS E FERIADOS: DAS 8H ÀS 15H.

  /SACOLAO.HIGIENOPOLIS



*Bem-estar para sua família.*





# Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,  
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



# 0800-891-6701

Ou doe diretamente: [www.kupat.org](http://www.kupat.org)







Nº 164

Capa:

Educação Rígida  
Educação,  
pág. 17.

## Expediente

A revista Nascente  
é um órgão bimestral de divulgação da  
Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276  
CEP 01229-010 - São Paulo - SP  
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400  
Fax: 11 3660-0404  
e-mail: revista\_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:  
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios  
e os conceitos emitidos nos artigos  
assinados são de inteira responsabilidade  
de seus autores, não representando,  
necessariamente, a opinião da diretoria da  
Congregação Mekor Haim ou  
de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher  
anunciados não são de responsabilidade da  
Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar  
sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados.  
Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de  
Guenizá estão assinaladas.

# NASCENTE

# Nesta Edição



# 08

Dinheiro  
em Xequê  
"Imprudência".



# 55

De Criança  
Para Criança  
"Medo da Noite".  
Chayim Walder

# 07

Era  
Uma Vez I  
"Para  
Cimal!".

# 14

Era  
Uma Vez II  
"A Maior  
Bênção".

# 51

Datas  
& Dados  
Datas e horários  
judaicos, *pa-  
rashiyot* e *haftarot*  
para os meses de  
*Av* e *Elul*.

# 10

Pensando  
Bem I  
"Pensamentos".

# 11

Visão  
Judaica I  
"Não se Deixar  
Envolver".





**30**

**Nossa Gente**

Acontecimentos que foram destaques na comunidade.



**24**

**Truques e Dicas**

“Como Remover Manchas de Tecidos”.



**17**

**Educação**

“Educação Sem Rigidez”.



**38**

**Era Uma Vez III**

“Conversa de Anjos”.

**13**

**Variedades I**  
“Saúde!”.

**47**

**Passatempos**  
“Palavras Cruzadas, Pirâmide e Ilusão de Óptica”.

**15**

**Pensando Bem II**  
“Orgulho”.

**41**

**Variedades II**  
“Filho por Filho”.

**50**

**Leis e Costumes**  
“Cuidados com as Bênçãos”.

**21**

**Visão Judaica II**  
“Lembrança Constante”.



**O**s quarenta dias que vão desde o primeiro dia do mês de *elul* até *Yom Kipur* são chamados de “*yemê ratson vera-chamim*” – dias de boa vontade e piedade. São dias propícios para a *teshuvá* – o arrependimento e o retorno ao caminho mais adequado.

Para enfatizar a importância da *teshuvá* nestes dias, nossos sábios fizeram uma analogia entre a relação das pessoas para com D’us e a relação dos súditos para com um rei passeando no campo – “*Hamêlech basadê*”. Assim como um rei é mais acessível quando está passeando no campo, D’us está mais acessível, mais apto a aceitar a nossa *teshuvá*, neste período. Nestes dias, D’us fica “esperando” que o povo O procure e faça *teshuvá*.

Há um importante conceito, fundamental no processo da *teshuvá*. É o fato de sempre ser possível às pessoas consertarem suas atitudes e passarem a se comportar de uma forma mais adequada. Isto depende essencialmente de um trabalho interior voltado às qualidades de cada indivíduo.

Não é correto alguém afirmar que já está acostumado com determinada rotina, que já possui uma personalidade formada e que não conseguiria mais alterá-las. É necessário, isso sim, um esforço no sentido do aperfeiçoamento de suas características; principalmente no mês de *elul*, quando existe uma “*segulá*”, uma garantia Divina, de que a força do mal é mais facilmente dominada pela força do bem.

No livro “*Chayê Adam*” consta que, por amar tanto o Povo de Israel, o Todo-Poderoso sempre gostou de fazer bondades conosco. Assim, quando alguém faz um pecado, em qualquer dia do ano, pode imediatamente arrepender-se, fazer *teshuvá*, e ser perdoado. Ainda assim, os 40 dias que vão de Rosh

Chôdesh Elul até o *Yom Kipur* são especiais e mais oportunos para que a *teshuvá* seja aceita. De onde provém o poder deste período para que seja tão especial para a *teshuvá*?

O livro “*Pirkê Derabi Eliêzer*” responde a isso: Depois que as Tábuas da Lei foram quebradas, no dia 17 de *tamuz*, Moshê subiu novamente ao Monte Sinai e rezou 40 dias para que D’us perdoasse o pecado do povo. Depois disso, Moshê subiu ao *Har Sinai* pela terceira vez, no dia de *Rosh Chôdesh Elul*, e rezou mais 40 dias para trazer as novas tábuas. O dia em que o Todo-Poderoso aceitou as orações de Moshê *Rabênu*, perdoou definitivamente o povo e entregou as novas Tábuas da Lei foi o *Yom Kipur*. Daqui vemos a importância destes 40 dias que precedem o *Yom Kipur*.

Sobre este período, o autor do livro “*Nôam Síach*” traz em nome de seu pai, o *Rav Aharon Kotler zt”l*, que estes dias são especiais para a formação espiritual do homem. Da mesma forma que um feto, na barriga da mãe, passa por um processo fundamental de formação do seu corpo, nós passamos por um processo de formação espiritual nestes dias.

No caso do feto, um pequeno lapso de formação pode provocar danos físicos bem maiores no futuro. No mês de *elul* a parte espiritual das pessoas se consolida. Se este processo não for firme e estável, se não houver uma elevação espiritual contínua, a parte espiritual do homem pode resultar abalada. Para que ela fique completa, nestes 40 dias não pode haver interrupções e desvios de atenção no caminho da elevação espiritual.

Sabendo aproveitar estes conceitos, aprimorando nosso comportamento, conseguiremos chegar no Dia do Julgamento em um elevado nível espiritual de *teshuvá* e com grandes méritos. ■





# Para Cima

**Certa** vez, em um asilo para idosos, um dos moradores se recusava a alimentar-se. Ele estava deprimido por ter assistido ao enterro de seu melhor amigo. Amargurado, temia que estivesse se aproximando do mesmo fim triste para ele.

Várias tentativas de dissuadi-lo de sua decisão falharam. Até que contaram-lhe a seguinte história:

Um jovem estava passeando no campo, quando viu alguns homens alugando botes à beira de um rio. Eles o convenceram a fazer o passeio pelo rio e disseram que ele deveria devolver o bote em uma estação alguns quilômetros rio abaixo.

O passeio estava agradável. Distraído, o jovem não percebeu o momento de devolver o bote e passou a estação final.

Mais alguns quilômetros e ele começou a

ouvir o barulho de uma queda d'água. Tratava-se de uma enorme cachoeira.

Quando o bote estava prestes a cair, ele sentiu uma corda bater em sua cabeça e agarrou-se nela. O bote foi arremessado cachoeira abaixo, enquanto o rapaz era salvo por um helicóptero de resgate.

Na parte de baixo da cachoeira havia algumas pessoas passeando. Quando viram o bote vazio danificado que tinha caído tantos metros, lamentaram o triste fim do suposto acidentado.

\* \* \*

Muitas pessoas acreditam que o falecimento é o fim e lamentam por isso. Mas o corpo da pessoa, que vai para baixo, é comparado ao bote, enquanto que a verdadeira essência do ser humano é a alma – e esta sobe. ■





# Imprudência

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

**Certo** dia, Efráyim estacionou seu lindo Mercedes na rua ao lado do pátio de um colégio.

O carro permaneceria ali por apenas dois ou três minutos, enquanto Efráyim fosse deixar alguns documentos urgentes na portaria de um prédio de escritórios que ficava lá perto.

Na pressa, Efráyim acabou deixando o carro com o motor ligado, mesmo sendo algo proibido por lei, bem ao lado das crianças e adolescentes que brincavam no pátio do colégio.

Ao levar os documentos para o edifício de escritórios, Efráyim encontrou um antigo conhecido e parou para conversar com ele por alguns minutos. Depois entregou os documentos e, ao sair do local, encontrou outro amigo

– mais cinco minutos de conversa.

Enquanto isso, os adolescentes que brincavam ao lado do carro escutaram o ronco do motor daquela bela máquina.

Avi, um jovem de 14 anos, vangloriou-se diante dos amigos, afirmando que já sabia dirigir “um desses”. “E muito bem!” acrescentou em tom convencido.

Os colegas disseram não acreditar em Avi e desafiaram-no a dar uma voltinha no quarteirão para provar que era verdade.

O destemido Avi não pensou duas vezes!... Estufou o peito e entrou no carro para dar a voltinha e exibir-se para os amigos. Sua palavra estava em jogo.

Confiante, já nos primeiros metros Avi ace-



lerou sem medo, para “mostrar quem sabe das coisas”.

Antes mesmo de chegar na primeira esquina, um carro que estava na frente de Avi brecou no farol amarelo. Sem instintos para frear também, Avi viu-se obrigado a desviar para não bater em cheio no carro da frente. E ele conseguiu! Não bateu no carro da frente. Mas acertou em cheio uma enorme árvore que estava à beira da calçada.

O carro se espatifou na árvore!

Felizmente Avi tinha colocado o cinto de segurança e saiu ileso do acidente – mas não o automóvel. Funilaria, faróis, para-choques, frisos, espelhos e muito mais! Prejuízo de três mil dólares!

Na volta do seu destino, Efráyim constatou, incrédulo, a cena de seu carro abraçando a enorme árvore na calçada. Em poucos segundos entendeu tudo o que tinha acontecido naqueles poucos minutos que se ausentou.

Efráyim agora está cobrando dos pais de Avi o dinheiro do conserto. O jovem travesso e atrevido “roubou” seu carro apenas para se mostrar pe-

rante os colegas e, pior do que isso, dirigiu de forma imprudente sabendo que era totalmente inexperiente na direção!

Os pais de Avi, por sua vez, alegam que não precisam pagar nada. Argumentam que a imprudência foi de Efráyim – e não de Avi – por deixar o automóvel ligado num local onde circulam e brincam crianças e adolescentes. Como Efráyim podia ter a petulância de inverter a situação e solicitar ressarcimento de algo ocorrido graças à sua própria irresponsabilidade? E os pais do menino ainda afirmam que, caso Avi tivesse se machucado, teriam processado Efráyim.

Quem está com a razão? O irresponsável Efráyim ou os pais de Avi, o jovem travesso?

#### O veredicto

Ainda que os dois envolvidos no episódio tenham agido de forma errada e irresponsável, o jovem Avi precisa pagar pelo dano causado ao automóvel – mesmo Efráyim tendo cometido um grave erro, sendo displicente e imprudente ao abandonar o carro ligado.

No “Shulchan Aruch”, o código de leis judaicas, está escrito o seguinte: Se Reuven colocou seu boi no quintal de Shim'on sem sua permissão, e Shim'on causou um dano ao boi, a lei é que Shim'on está obrigado a pagar a Reuven pelo dano causado ao seu boi. Isso porque, apesar de que Shim'on tinha o direito de tirá-lo do seu quintal, de todos os modos, não tinha o direito de danificá-lo.

Também no caso do Mercedes, apesar de Efráyim não ter permissão de estacionar o carro daquela forma, isso não dá direito a Avi danificar o carro dele. E, uma vez que ele danificou o automóvel, deve pagar.

**Do semanário “Guefilte-mail”**  
([guefiltemail@gmail.com](mailto:guefiltemail@gmail.com)).

**Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita**  
**Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulchan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.**

Para receber a revista NASCENTE gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para:  
Rua São Vicente de Paulo, 276  
CEP 01229-010  
São Paulo – SP  
ou pelo fax:  
11 3660-0404



**Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

São Paulo - SP

CEP: \_\_\_\_\_ Fones: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Instituição judaica que frequenta: \_\_\_\_\_



# Pensamentos

Uma consciência leve, muitas vezes é sinal  
de memória fraca!

Daqui a um ano talvez você desejasse  
ter começado hoje.

Lar não é onde a criança mora,  
mas onde é compreendida.

Aqueles que fazem tudo “às cegas”, frequentemente  
tropeçam nos próprios pés.

Se você não escolher um caminho para a vida,  
a vida escolherá um caminho para você.



# Não se Deixar Envolver pelo Meio Ambiente

A priori, os primogênitos foram escolhidos para servir ao Todo-Poderoso – para fazerem corbanot, trabalharem no Mishcan, no Bêt Hamicdash – até que o Povo de Israel cometeu o grave erro do bezerro de ouro.

Rabino I. Dichi

A Torá nos relata, em *Parashat Bamidbar* (3:12), que após o pecado do bezerro de ouro, o Todo-Poderoso escolheu a tribo de Levi em substituição aos primogênitos para servir ao Todo-Poderoso no Tabernáculo e no Templo Sagrado. A partir deste acontecimento, a tribo de Levi, que se classifica em *cohanim* e *leviyim*, passou a ter esse privilégio para sempre. Assim, eles serviram no *Mishcan* (Tabernáculo), no primeiro e no segundo *Bêt Hamicdash*. E também servirão no terceiro *Bêt Hamicdash* – que seja construído brevemente em nossos dias.

Os *cohanim* e *leviyim* possuíam as responsabilidades do Templo, bem como atendiam a todas as pessoas que traziam seus *corbanot* – as oferendas.

Analisemos qual foi o mérito pelo qual a tribo de Levi se fez merecedora deste nobre encargo.

Após o Êxodo do Egito, o povo de Israel cometeu o terrível erro de adorar o bezerro de ouro. Conforme explica Rashi, a tribo de Levi manteve-se alheia ao pecado, não praticando esta falta que contagiou o povo.

Consta que, quando Moshê desceu do Monte Sinai e viu o que estava acontecendo, perguntou ao povo (Shemot 32:26): “*Mi Lashem elay* – Aqueles que querem permanecer fiéis a D’us, que se aproximem de mim”. A resposta positiva partiu somente da tribo de Levi, conforme consta: “*Vayessefu elav col benê Levi* – E juntaram-se a ele todos os filhos de Levi”.

Antes de comentarmos esta resposta de Rashi, vejamos outros dados sobre esta tribo.

Levi era o terceiro filho de Yaacov e é dele que a tão honrada tribo de Levi descende. Nossos sábios chamam a atenção sobre um fato ligado a este filho de Yaacov. Quando do

PRECISANDO DE VINHOS OU ESPUMANTES KASHER? <sup>BH</sup>  
 TEMOS AS MELHORES OPÇÕES!  
 FAÇA O SEU ORÇAMENTO CONOSCO:  
 www.vinikbebidas.com.br  
 Greicy Freilich Susyn | (11) 9.6633.8515



Verifique a supervisão rabínica em cada produto

# KALIMO

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.



**Vanity**  
Industrial Ltda.

*Deseja muito sucesso e alegria para toda a kehilá!*

Rodovia Fernão Dias, Km1 s/n - Itapegica  
 CEP 07053-171 - Guarulhos, SP  
 Tel: (11) 2423-2950 e-mail: vanity@vanity.com.br



**KADUR**  
by Optimist

*Deseja sucesso para toda a Kehilá!*

www.kadur.com.br

## Visão Judaica I

nascimento dos dois primeiros filhos de Yaacov – Reuven e Shim'on – como também dos demais filhos de uma forma geral, foi a mãe quem deu o nome a eles, conforme relata a *Torá* a cada nascimento: “*Vaticrá shemô... – e (ela) chamou-o com o nome de...*”. Porém, quanto ao nome de Levi, a linguagem usada pela *Torá* foi (Bereshit 29:4): “*Al ken cará shemô Levi – Assim, foi chamado de Levi*”. Portanto, sobre Levi não consta que sua mãe chamou-o de Levi, mas que ele “foi chamado” de Levi. Mas quem o denominou assim?

Trazendo o comentário do *Midrash Rabá*, Rashi explica que Levi teve a exclusividade de ser denominado pelo anjo Gavriel, enviado especialmente pelo Todo-Poderoso para esse fim. Portanto, desde o início Levi recebeu uma atenção toda especial.

Rambam, em seu livro *Mishné Torá*, em *Hilchot Avodá Zará* (cap. 1 par. 3), escreve que Yaacov ensinou a todos os seus filhos a *Torá* e seus preceitos. Yaacov também escolheu especialmente Levi como responsável pela transmissão da *Torá* para as novas gerações. Ordenou a ele que o estudo da *Torá* nunca fosse interrompido por seus descendentes, para que ela não fosse esquecida. Assim, o conhecimento da *Torá* foi aumentando e formou-se uma nação que reconhecia a existência Divina e os Seus mandamentos.

No entanto, os anos de escravidão de *Benê Yisrael* no Egito prolongaram-se. O Povo de Israel começou a assimilar os costumes egípcios, a ponto de praticar a idolatria daquele povo. A exceção ficou com a tribo de Levi, que permaneceu fiel aos ensinamentos dos patriarcas Avraham, Yitschac e Yaacov, jamais tendo praticado idolatria.

Por muito pouco os princípios de Avraham não desapareceram e os filhos de Yaacov não voltaram aos tempos anteriores a Avraham.

Como o Todo-Poderoso zela pelo Povo de Israel, mandou seu enviado especial Moshê Rabênu, *alav hashalom*, e cumpriu a promessa feita a Avraham *Avínu*. *Hashem* escolheu o Povo de Israel, coroou-o com as *mitsvot* e instruiu-o no caminho de servi-Lo. Assim, ficou descartada a hipótese de que os descendentes de Yaacov voltassem à época anterior a Avraham.

Sobre a escolha dos descendentes de Levi para substituírem os primogênitos no serviço sagrado dos Templos, cabe-nos perguntar por que eles receberam este enorme mérito por uma atitude aparentemente normal. Poderíamos dizer que eles simplesmente não fizeram mais do que sua obrigação ao não adorarem o bezerro de ouro. Pois o mínimo que se exige de alguém, seguidor dos princípios da *Torá*, é que não cometa o pecado da idolatria.

O que realmente caracterizou a atitude tomada por esta tribo foi o fato de não terem se envolvido num erro que abrangeu toda a comunidade. Foi por isso que o Todo-Poderoso confiou a eles o serviço do Templo. Era uma tribo imbuída de profunda responsabilidade e que não se deixava envolver. Nela, portanto, cabia confiar o que há de mais sagrado.

Assim também, todo indivíduo que souber manter o equilíbrio, o bom senso e a visão correta nos momentos em que os erros e os desajustes espirituais tomarem conta do meio ambiente em que vive, será merecedor da confiança e de uma proximidade especial do Todo-Poderoso. ■





# Saúde!

Qual a origem do costume de se dizer “saúde” após um espirro?

**Desde** a Criação do Mundo até o tempo de Yaacov Avínu, nenhum homem adoecia antes de morrer. Não havia qualquer “aviso” para as pessoas sobre seu falecimento iminente.

Qualquer indivíduo caminhando pela rua ou em um mercado podia repentinamente espirrar e sua alma saía por suas narinas. Assim, o espirro era o precursor da morte.

Yaacov Avínu, porém, suplicou à misericórdia Divina, pedindo que sua alma não partisse repentinamente

deste mundo, de modo que ele tivesse tempo de instruir seus filhos antes de falecer. D’us atendeu ao seu pedido e, a partir de então, as pessoas passaram a adoecer antes de sua morte.

Portanto, quando alguém espirra, é costume que os outros digam “Saúde!” – ou “D’us te abençoe!” – em reconhecimento ao fato de que o espirro não é mais um indício da morte iminente.

**Pirkê Derabi Eliêzer, par. 52, citado pelo Guilyon Hashás**



**50 anos**

**Fitas Elásticas**

**Fitas Rígidas**

**Bojos**

**Velcro**

**Fio para Costura**

**Etiquetas Bordadas**

**FITAS ELÁSTICAS ESTRELA LTDA.**  
 Rua João Roberto nº 580 - CEP 07221-040  
 Cidade Industrial de Cumbica  
 CEP - 07221-040 - Guarulhos - SP  
 Tel: (55-11) 2142-7277  
 Fax: (55-11) 2142-7299  
 e-mail: [estrela@estrela.ind.br](mailto:estrela@estrela.ind.br)  
 Internet: [www.estrela.ind.br](http://www.estrela.ind.br)

**VRASALON®**  
 DESDE 1968

*Deseja  
 grande sucesso  
 espiritual e material para  
 todo Am Yisrael!*

[www.vrasalon.com.br](http://www.vrasalon.com.br)

Os produtos e estabelecimentos  
 casher anunciados não são de  
 responsabilidade da revista

**NASCENTE**

Cabe aos consumidores  
 indagar sobre a  
 supervisão rabínica





# A Maior Bênção

O viajante perdera seu caminho. Aborrecido e fatigado, andava com dificuldade sob o sol abrasador do deserto há alguns dias. Não se via nenhum caminho, nenhuma casa e nenhuma alma. Tinha bebido o último gole de água de seu cantil e sua língua já estava grudando no céu da boca de tanta sede.

Repentinamente, avistou uma árvore ao longe. “Se uma árvore consegue prosperar neste solo”, pensou ele, “deve haver uma fonte de água próxima”.

Para sua alegria, descobriu uma fonte de água fresca perto da árvore. Os galhos da árvore estavam carregados de frutos. O viajante encheu várias vezes suas mãos com a água cristalina, comeu muitos frutos e “desabou” em um profundo descanso à sombra da árvore.

Quando despertou, sentiu-se otimista com suas forças revigoradas.

“Árvore, árvore! Como poderei abençoá-la?” Exclamou com gratidão. “Poderia abençoá-la com deliciosos frutos? Seus frutos não poderiam ser mais doces. Com uma sombra

refrescante? Você já a possui! Com uma nascente de água? Ela já passa por você!”

“Você foi abençoada com todos os tipos de perfeição. Portanto, eu posso abençoá-la apenas de uma forma – que todas as plantas que forem cultivadas a partir de você sejam exatamente como você.”

\* \* \*

Similarmente, *Hashem* estava procurando uma bênção para outorgar a Avraham. “Avraham”, Ele disse. “Qual bênção Eu posso conceder a você? Que você seja um perfeito *tsadic*? Você já o é. Você foi atirado em uma fofalha de fogo para santificar Meu Nome! Abriu uma pousada para acomodar viajantes e trazê-los para baixo das asas da *Shechiná* – a Presença Divina – e espalhou Meu Nome no mundo.”

“Que sua mulher seja uma *tsadêket*? É o que Sará é! Que os componentes de sua casa sejam *tsadikim*? Eles são.”

“Eu tenho somente uma bênção para você: Assim seja sua semente – que sua descendência seja exatamente como você!”. ■



# Orgulho

Certa vez, conheci um senhor de idade extremamente orgulhoso!

R. Kalman Packouz

**E**u estava visitando uma pessoa num hospital. Então encontrei um homem que ficou especialmente feliz ao me ver. Ele disse: “O senhor é o primeiro rabino com quem falo desde o meu *bar mitsvá*, há 50 anos atrás! Quero que saiba, que nunca encontrará um judeu com mais honra de ser judeu do que eu! Se alguém disser alguma coisa contra outro judeu ou contra o povo judeu, eu bato nele!”

Fiquei muito impressionado com o comprometimento e a vanglória daquele homem de 63 anos de idade. Então perguntei: “Por favor, eu adoraria saber por que o senhor tem tanto orgulho do povo judeu?” E ele respondeu: “Rabino, o senhor não ouviu? Eu lhe disse que se qualquer um disser algo contra os judeus, eu bato nele!”

Tentei mais duas vezes descobrir a fonte de sua honra em ser judeu, mas a resposta foi a mesma. Ele apenas reiterava suas habilidades de pugilismo.

Mas eu sei, de fato, que existem muitos motivos para esta honra. Todas as manhãs, quando acordo, agradeço a D’us por ser membro do povo judeu e por poder trabalhar por ele!

E se pudéssemos comprar um livro que nos enchesse de orgulho pelo judaísmo e nos desse toda a ‘munição’ para responder a um rabino curioso visitando um hospital?

Eis a solução: o rabino Ken Spiro, meu colega e amigo, escreveu o livro “WorldPerfect – The Jewish Impact on Civilization”. Por muitos anos o rabino Spiro, um historiador, iniciava suas aulas de História Judaica perguntando a seus alunos quais valores eles e o mundo achavam necessários para se criar uma sociedade utópica. Eis os resultados mais significantes, compilados de aproximadamente 1.500 alunos:

1) O valor da vida: As pessoas têm o direito à vida, a viver com certos direitos e com uma dignidade básica.

2) Paz mundial: Em todos os níveis, na comunidade e no mundo, as pessoas e nações devem coexistir em paz, harmonia e com mútuo respeito.

3) Justiça e igualdade: Todas as pessoas, independente de raça, sexo ou status social, têm o direito a serem tratadas igualmente aos olhos da lei.

4) Educação: todos têm o direito de ser alfabetizados, sendo isto uma ferramenta básica para o progresso pessoal e para adquirir sabedoria.

5) Família: uma estrutura familiar forte e estável é necessária para preservar os fundamentos morais de uma sociedade.

6) Responsabilidade social: individual e nacionalmente, somos responsáveis uns pelos outros. Isto inclui a responsabilidade por

doenças, pobreza, fome, criminalidade e drogas, bem como os problemas ambientais e os direitos dos animais.

De onde vieram estes valores? A maioria das pessoas diria: Grécia ou Roma. Ficaríamos surpresos ao descobrir que estão errados? Num livro fascinante e muito bem documentado, o rabino Spiro joga luzes sobre a origem dos valores e virtudes da Civilização Ocidental. Será que ficaríamos surpresos em descobrir que os valores acima vieram do povo judeu?

Agora, se você está pensando: “O bom rabino deve estar exagerando ‘um pouquinho’ sobre a influência judaica no mundo civilizado”, trago, para apoiar-me, John Adams, o segundo presidente e um dos Pais Fundadores dos Estados Unidos.

Escreveu o Sr. Adams em uma carta enviada a F. A. Van der Kemp (Sociedade Histórica da Pensilvânia, 1808):

“...Eu insisto que os judeus fizeram mais pelo homem civilizado que qualquer outra nação. Se eu fosse um ateu e acreditasse num destino cego e eterno, ainda assim acreditaria que o destino ordenou aos judeus a serem os mais essenciais instrumentos para civilizar as nações... Eles são a mais gloriosa nação que jamais habitou a Terra. Os romanos e seu império não eram mais que quinqü-

lharias comparados aos judeus. Os judeus deram religião a três quartos deste globo e influenciaram os negócios de todo o gênero humano, mais e com maior alegria que qualquer outra nação, antiga ou moderna.”

Ainda sobre a influência dos judeus quanto aos valores da humanidade, Paul Johnson, um historiador cristão, escreveu em seu livro “The History of the Jews” – A História dos Judeus – (New York: Harper & Row, 1987):

“Uma maneira de resumir 4.000 anos de História Judaica é perguntarmos o que teria acontecido à raça humana se o povo judeu não viesse a existir. Certamente o mundo seria um local radicalmente diferente. Pode ser que a humanidade viesse a descobrir sozinha os valores e pensamentos judaicos, mas não podemos ter certeza.

“A eles (aos judeus) devemos a idéia da igualdade perante a lei, da santidade da vida, da consciência coletiva e da responsabilidade social, da paz, do amor e de muitos outros itens que constituem o embasamento moral da mente humana. Está fora de nossa capacidade imaginar como o mundo funcionaria se eles não tivessem existido!”

Mas orgulho pelo passado não é suficiente. Este ainda não é um mun-

do perfeito e ainda há muito a ser feito. O judaísmo nos ensina que não precisamos ser um Moisés ou o Messias para criar um diferencial. Toda pessoa é única. Todos possuímos um jeito especial de tornar o mundo um lugar melhor.

A *Yeshivá Êsh Hatorá* lançou o seu mais importante seminário: Mundo Perfeito – O Impacto Judaico na Civilização. O Seminário conclui assim: “Hoje em dia, muitos judeus pensam que o judaísmo é irrelevante. Basta dar uma olhada no que os judeus têm dado ao mundo. Os judeus, hoje, têm muito do que se orgulhar. Orgulho não é arrogância nem convencimento. Orgulho é o auto-respeito justificável. O poder do judaísmo em influenciar o mundo com valores que abrangem e encerram as fundações da civilização devem ser uma fonte de orgulho judaico.

Certa vez, vi um pôster de um garotinho rústico e feio. Sob a foto estava escrito: “Eu sei que não sou imprestável, porque D’us não faz coisas imprestáveis”.

Nenhum de nós é um simples turista neste planeta. Cada um desempenha um papel ativo. Maximize seu potencial e coloque sua assinatura única neste mundo!

Meor Hashabat Semanal

**HOPE**

Parabeniza a Congregação  
pela divulgação dos valores  
judaicos!





# Educação Sem Rigidez

Comentários do Rabino I. Dichi Shelita sobre a educação dos filhos, baseados no livro “Zeriá Uvinyan Bachinuch” de autoria do Rabino Shelomô Wolbe zt”l.

Rabino I. Dichi

**Conforme** explicam nos-  
sos sábios da *mishná*, na educação das crianças deve-se considerar as diversas etapas de seu desenvolvimento natural.

Durante os anos da infância, deve-se estar plenamente consciente de qual fase da educação deve ser considerada. Com quatro anos uma criança já é extremamente diferente de quando tinha dois! Quando se fala de um homem com 30 ou com 32 anos, praticamente não há qualquer diferença, mas quanto menor a criança, maiores as mudanças com o passar do tempo. Mais acelerado é o seu desenvolvi-

mento. Isso deve sempre ser levado em consideração.

Os pais têm a obrigação de conhecer estas épocas do desenvolvimento da criança e relacionarem-se com elas da forma apropriada. Quando a pessoa reconhece estas diferentes etapas e procura educar a criança conforme suas necessidades, é sinal de que assimilou um dos principais conceitos da boa educação.

Diariamente recitamos a seguinte passagem na leitura do *Shemá Yisrael* (Devarim 11:19): “*Velimadtem otam et benechem ledaber bam* – E as ensinareis a vossos filhos fa-

lando delas.” Conforme explica *Rav Chamnuna*, esta advertência se refere a ensinar à criança, logo que começa a falar, a seguinte frase: “*Torá tsivá lánu Moshê morashá kehilat Yaacov* – A *Torá* nos foi transmitida através de *Moshê*; ela é a herança da comunidade dos descendentes de *Yaacov*.” Este é o primeiro versículo, junto com o *Shemá Yisrael*, que o pai deve ensinar a seus filhos e filhas.

Na continuação desta passagem consta na *Torá* (11:21): “*Lemáan yirbu yemechem vimê venechem* – para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos.” Por isso, nossos sábios comentam que se o pai não seguir este ensinamento é como se, *chalila*, estivesse enterrando seu filho.

Vemos que nossos sábios se expressam de uma forma extremamente rígida em relação a alguém que não ensina o versículo *Torá Tshivá Lánu Moshê* no momento correto a seu filho. Segundo eles, deve-se aproveitar o momento que a criança começa a falar para logo ensinar-lhe estas palavras sagradas da *Torá*.

Com certeza, é muito diferente quando se aproveita este momento para ensinar palavras sagradas do que para ensinar sobre algum herói infantil ou coisa do gênero. Quando a primeira palavra que uma criança aprende é alguma besteira, depois ela terá trabalho para se conscientizar de que, de fato, não tem nada a ver com aquilo.

Por que este momento – justo quando a criança começa a falar – é tão importante?

Quando a criança começa a falar é o momento adequado de semear nela *emuná*, a fé em *D’us*. Isso acontece ensinando-lhe as palavras do versículo *Torá Tshivá Lánu Moshê*. Assim, ela passará a saber que existe uma

*Torá* e que o Povo de Israel teve um grande e importante profeta chamado *Moshê*! Isso é a semente da crença que a criança carregará durante 120 anos!

Quando se semeia um terreno na época de plantio, são grandes as possibilidades de uma boa colheita. Quando se perde o momento propício da plantação, a terra não está mais própria para aceitar a semente. Existem momentos adequados para o plantio! No início do inverno se semeia. Quem esperar para plantar quando começa a chover, não terá sucesso; a semente apodrecerá dentro da terra e não crescerá nada.

Da mesma forma, quem não ensina *Torá tsivá lánu Moshê morashá kehilat Yaacov* no momento certo, é como se tivesse – analogamente à semente – enterrado o filho. Quando não se aproveita um momento importante ele morre, ou seja, não volta mais.

Mesmo que a criança a princípio não entenda o que está aprendendo, não importa. O importante é que esta foi a primeira coisa que aprendeu. Com o tempo ela verá seu pai estudar e perguntará: “O que é isso?”

– É a *Torá*! – responderá o pai.

– O que é isso? – perguntará em outra oportunidade.

– Foi *Hashem* que ordenou!

– E quem trouxe a *Torá*?

Com o tempo entenderá o significado daquela primeira frase. Quando se coloca uma base sólida, pode-se continuar construindo algo firme.

A preocupação em aproveitar o momento certo também diz respeito a não se precipitar. Quando a terra ainda não está preparada também não adianta semear!

Segundo a própria *Torá*, o momento certo para começar os ensinamentos da *Torá* é quando a criança

começa a falar. Antes disso, quando a criança nem fala ainda, não adianta forçá-la. Isso poderia resultar em um efeito negativo.

Todo o citado é a base do que significa “início da educação”.

Conforme explica o comentarista *Rashi*, a palavra *chinuch* – educação – significa início. Educar significa apresentar à pessoa as ferramentas da profissão que amanhã deverá enfrentar. Por isso que usamos as expressões “*chanucat hamizbêach* – inauguração do altar”, “*chanucat habáyit* – inauguração da casa”. Nestas expressões, a palavra “*chanucat*” tem o sentido de “início”. Educar é introduzir conceitos, iniciar uma pessoa quanto a determinados valores. Este “iniciar” possui vários estágios: com 3 anos aplica-se uma etapa da educação, com 4 anos outra, com 13 outra.

A introdução correta no início da educação da criança é algo extremamente importante. Conforme diz o Rei *Shelomô* (*Mishlê* 22:6): “*Chanoch lanáar al pi darcô* – ensina a criança conforme suas possibilidades.” Quando a criança ainda não tem possibilidade de aprender, não adianta forçá-la. Quando ela atinge uma determinada etapa e está apta a aceitar aquilo que transmitimos, aí então devemos aproveitar para iniciar os ensinamentos.

Se os pais não aproveitam o tempo ideal para a sementeação, não crescerá uma vegetação adequada; ou seja, não se desenvolverá uma pessoa com uma *emuná* plena em *D’us* e na *Torá*. Por isso, é considerado como se a tivesse enterrado.

Em toda esta abordagem não foi ainda considerada a *teshuvá* – a capacidade de cada pessoa retornar ao caminho correto da *Torá*. Tratou-se apenas de como é necessário educar a criança. Quem, entre nós, não co-



nhece as dificuldades que a pessoa enfrenta depois que já adquiriu determinados vícios? Quanto esforço não é necessário para eliminá-los?

Sem dúvida alguma, é preferível utilizar a linha correta na educação desde o princípio a tentar recuperar todo o tempo perdido por um sujeito adulto! Mesmo sabendo que nossos sábios dizem: “O lugar atingido pelos *baalê teshuvá* – os que retornaram ao caminho correto – nem mesmo *tsadikim guemurim* podem alcançar”.

Vimos, portanto, que o início da educação da criança é algo extremamente importante. O *Rav Shelomô Wolbe* explica que encontramos este conceito não somente na educação, mas em vários enfoques na *Torá*. Por exemplo: o início do ano. O *yehudi* não festeja o término do ano. Comemora o início do novo ano. *Rosh Hashaná* é o início do ano. É um dia importantíssimo. *Motsaê Shabat*, o início da semana, é um momento especial. Nos livros sagrados consta que estudar *Torá* no *motsaê Shabat* é muito importante e favorece o prosseguimento do estudo durante a semana. O início do mês – o *rosh chodesh* – também é especial. Foi a própria *Torá* que instituiu o *Corban Mussaf* no primeiro dia do mês.

Todo início, segundo os conceitos da *Torá*, tem uma importância. O

início é uma época propícia para se plantar algo. Quando se deixa escapar esta oportunidade, torna-se difícil recuperar o que se perdeu. Por exemplo: *Rosh Hashaná* é o início do ano. Neste dia D’us nos julga. O *Yom Kipur*, dez dias depois, é o final do julgamento apenas para quem ficou “pendurado”! Em *Rosh Hashaná* são abertos três livros. Se a pessoa tiver méritos suficientes, *Hashem* o carimba no livro dos *tsadikim*. Todas as pessoas têm a oportunidade de não ficar dependendo do *Yom Kipur* para um carimbo final! O mediano é que fica pendurado, dependendo do *Yom Kipur*.

Deste conceito, aprendemos que devemos estar atentos às oportunidades. Segundo o *Rav Wolbe*, existe inclusive uma exigência de que os pais conheçam as diversas etapas de desenvolvimento de seus filhos. Os pais devem ir alimentando as crianças conforme suas possibilidades. Devem adaptar suas exigências ao desenvolvimento natural da criança.

O *Rav Wolbe* é enfático em criticar exigências antecipadas, quando a criança ainda não tem capacidade de acatá-las. Mesmo que se obtenham resultados aparentemente favoráveis em exigências deste tipo, este procedimento pode prejudicar a criança.

Quando se exagera em exigências

prematuras, em épocas que a criança não está madura o suficiente para entender o que querem dela, pode-se causar grandes danos para o futuro de sua educação. É como querer plantar uma semente em época antecipada.

A criança precisa se desenvolver em etapas e atravessar todos os estágios de forma gradativa. O *Rav Wolbe* não aborda, neste capítulo, o que deve ser ensinado à criança a cada etapa. Essas fases são tratadas em outra oportunidade. De qualquer forma, é importante saber que isso é algo individual a cada criança. Não que seja individual para cada família; mas para cada criança de cada família! Três irmãos podem possuir temperamentos completamente distintos. São criaturas diferentes, que necessitam do trato necessário para cada uma conforme seu temperamento.

Vejam alguns exemplos comuns de que muitas vezes não existe afinidade entre o que os pais exigem e o que o filho é capaz de aceitar.

É sabido que muitas mães se vangloriam por terem conseguido ensinar conceitos de limpeza e higiene aos filhos em uma idade prematura. Quanto antes a mãe consegue êxito nesta educação, mais orgulhosa ela fica.

DEVIDO AO SUCESSO DO SIDUR, CHEGOU A HORA DE VOCÊ CONHECER O MACHZOR SEFARADI!



Aponte a câmera de seu celular para este código ou acesse o nosso site.



[www.sefer.com.br](http://www.sefer.com.br)  
VENDIDO APENAS EM PAR E COM BOX EXCLUSIVO.

**Albert Choueke e família**

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada *Torá*

Em termos da educação laica, já se aceita a idéia correta de que obrigar uma criança de forma prematura a ser extremamente limpa atrapalha todo o seu desenvolvimento. Mesmo que alguns pais aleguem estar apenas “tentando” transmitir tais conceitos, nesta idade, “tentar” é praticamente “obrigar”.

Provavelmente o *Rav Wolbe* não se refere a não dizer absolutamente nada, para deixar que a criança jogue tudo no chão ou coisa do gênero. Mas é normal que uma criança que começa a comer sentada no cadeirão deixe cair comida na mesa e no chão. Também é normal que ela coma com as mãos. O mais correto é que os pais “fechem os olhos” para estas atitudes. Não se pode exigir que uma criança de três anos use talheres!

É mais importante que a criança aprenda a comer do que aprenda etiqueta.

Existe uma regra muito importante na educação: sempre se deve levar em consideração quanto tempo a própria pessoa levou para aprender determinado ensinamento. Isso parece simples de falar mas, na prática, é muito útil. Você quer que ela se comporte como você? Quantos anos você demorou para atingir este comportamento? Como uma criança de 3 ou 5 anos pode se comportar da mesma forma que você? Isso é impossível! Tenha paciência! Chegará uma época que a própria criança desejará ser limpa. Esta é uma tendência natural de todo ser humano. Neste momento, então, esta questão da higiene poderá ser desenvolvida de uma forma muito mais natural e com harmonia, pois a criança já estará preparada para este tipo de situação.

Outro exemplo do desencontro entre pais e filhos é em relação aos brinquedos. Muitas vezes os pais des-

prezam os brinquedos dos filhos. No entanto, isto é algo muito importante. Conforme já comentamos, um adulto que atrapalha a criança em sua brincadeira, simplesmente rouba-lhe algo.

Logicamente deve-se ensinar a criança a não prejudicar os outros com suas brincadeiras. Ensinar a não bater nos outros, a não morder, não quebrar... Mas em casos normais, quando ela está brincando, deve-se tomar cuidado para não prejudicá-la sem motivo.

Mais um exemplo de uma exigência normalmente aceita pelos pais é que a criança se sente à mesa durante toda a refeição de *Shabat*. Enquanto os pais estão comendo, cantando, conversando e se divertindo com seus amigos, fazem questão que os filhos de 4 ou 5 anos acompanhem tudo. Uma criança não pode sentar tanto tempo em silêncio! Ela precisa circular!

Sabemos também que no *Shabat* é proibido comer qualquer coisa antes do *Kidush* – tanto na noite de sexta-feira quanto no sábado de manhã. Digamos que um pai traz seu filho de seis anos para a sinagoga no *Shabat* de manhã. Se a criança pedir água durante as orações, não se pode exigir que ela espere com sede até o *Kidush*! Quando ela tiver onze ou doze anos, aí sim começa-se a ensinar esta *mitsvá*. O “*Maguen Avraham*” explica que, conforme a própria lei judaica, não se deve privar uma criança de comer e beber antes do *Kidush*. O mesmo vale em relação à *kipá*. Não se pode obrigar uma criança pequena a ficar todo o tempo com uma *kipá* na cabeça.

Mesmo num caso em que, eventualmente, uma criança pequena não esteja disposta a participar do *Kidush* no *Shabat*, não se deve ser extremamente rígido exigindo sua presença.

Digamos que uma criança de cinco ou seis anos esteja dormindo. Não é correto acordá-la para participar do *Kidush*. O que acontece, normalmente, é que as crianças gostam de participar do *Kidush* quando recebem um incentivo de forma positiva.

Mesmo que a criança tenha pedido para ser acordada para participar do *Kidush*, se depois ela mudar de idéia e não quiser sair da cama, deve-se deixá-la dormir. Muitas vezes os próprios adultos não levantam com o despertador!...

Os pais devem tentar se colocar no lugar das crianças ao solicitar determinadas condutas. Colocar-se no lugar da criança talvez seja até fácil. O mais difícil, no entanto, é se imaginar com a idade da criança! Todos nós muitas vezes esquecemos de levar em consideração a idade dos nossos filhos e cometemos excessos.

Quando a *mishná* determina: “não julgue seu amigo enquanto não estiver na mesma situação”, certamente isso também vale em relação aos filhos.

Portanto, exigir condutas acima das possibilidades da criança é extremamente negativo e pode surtir efeitos prejudiciais no seu desenvolvimento. O dano é maior quanto menor é a criança, pois mesmo pequenos erros na época do “plantio” podem gerar consequências mais graves no futuro.

Mesmo que a intenção dos pais seja das melhores – e quase sempre é – deve-se ponderar com cuidado cada nova exigência.

do shiur sobre educação ministrado pelo Rabino Isaac Dichi Shlita, baseado no livro “*Zeriá Ubinyan Bachinuch*” do Rabino Shelomô Wolbe Shlita zt”l



# Lembrança Constante

Fazia muito tempo que não via minha tia de Afula. Disseram-me que ela estava muito doente, sem mencionarem do que padecia. Por isso, foi grande minha alegria ao reencontrá-la numa festa de casamento.

Yochanan David Salomon

**Ao** encontrar minha tia na festa, cumprimentei-a – e ao meu tio que estava a seu lado – com *mazal tov*. Logo depois de cumprimentá-la perguntei como estava sua saúde. Ela deu uma resposta comum e perguntou quem eu era. Não me ofendi. Pelo jeito, eu devia ter mudado minha fisionomia nos últimos tempos, desde a última vez que nos encontramos. Também parecia que sua memória e sua visão não estavam com o melhor desempenho.

Depois que me apresentei, passou-se um minuto de silêncio. Então ela aproximou-se de mim e, apontando discretamente para o meu tio, que estava a seu lado, perguntou: “Diga-me, quem é esse sujeito?”

Assustei-me. “Tia”, disse a ela sussurrando, “esse é o seu marido Yitschac!”

Passamos a falar sobre os noivos. No meio da conversa, ela perguntou novamente: “Quem é esse sujeito?”, apontando para meu tio.

Ninguém mais precisou me dizer que minha tia estava doente e quão grave era seu quadro. Um ser humano que não consegue lembrar quem é seu cônjuge após dezenas de anos, e não lembra o que lhe foi dito há alguns minutos, pode ser

comparado a... A que poderia ser comparado? Não consigo achar um paralelo. Pois, de fato, ele não é mais ele. A personalidade de uma pessoa é fruto de inúmeros componentes. O que molda e liga todos eles é a memória. A memória pode ser comparada a uma corda que amarra um monte de bastões. Sem a corda, há uma grande confusão de bastões por todos os lados.

A lembrança da pessoa sobre si próprio e tudo o que se passa à sua volta é condição “sine qua non” para uma existência normal. Sem isso a pessoa não conhece seus filhos, não lembra seu endereço e, num caso mais grave, nem lembra seu nome. A falta de memória nesse grau é uma doença muito séria.

Memória é a possibilidade de trazer à tona coisas que foram gravadas no passado. As pessoas se diferenciam nesta qualidade, que é de grande valia nos estudos. Todos invejam quem possui esse dom – uma boa memória. Uma aluna que estuda algumas vezes um texto e, na hora da prova, não consegue uma boa nota, inveja sua colega que lembra sem muito esforço toda a matéria dada em aula.

“Um poço impermeabilizado que não perde uma gota de água”. É assim que *Rabi Yochanan*

*ben Zacay* definia seu aluno *Rabi Eliêzer ben Hôrkenos* (Avot 2:11). Realmente, é uma dádiva Divina possuir boa memória. Quanta coisa boa pode ser feita com uma memória pródiga. Quem não a aproveita deve preparar uma boa resposta para o dia do juízo final.

Até agora tratamos da memória como uma das importantíssimas características do homem. Todo indivíduo, com exceção da minha tia de Afula, é agraciado com mais ou menos poder de memória, e ele a utiliza como um bibliotecário, na gigantesca biblioteca da sua cabeça. Um bibliotecário preguiçoso desperdiciará mais tempo para encontrar um livro. Livros que o bibliotecário não tem acesso de nada servem. É como se não existissem. Livros assim, ou seja, partes da memória que a pessoa não alcança, estão perdidos. Não é possível utilizá-las nem tirar proveito delas. Assim, um livro importante para alguém deve ser colocado na estante num local acessível.

Nós encontramos na *Torá* algumas referências a respeito da memória. Por exemplo: “*zachor*”, “*zachor velô tishcach*”, “*hishámer lechá ushmor nafshechá meod pen tishcach*”, etc. Essas recordações que a *Torá* exige “lembrança”, são eventos históricos. Há aqueles que devemos lembrar uma vez por ano, como o que fez *Amalec* e a *mitsvá* de apagar seu nome. Há aqueles que lembramos diariamente, como

o castigo de *Miryam*, que falou de seu irmão (conforme o *Ramban*). Há aqueles que devemos lembrar falando duas vezes ao dia, de manhã e à noite, como a saída do Egito. A finalidade desta *mitsvá* também é deixar algo gravado em nós, como uma marca, entre cada vez que recordamos o fato.

As lembranças são muitas. A maioria faz parte das 613 *mitsvot*, conforme a opinião de alguns legisladores. Vejamos alguns exemplos: a lembrança da Outorga da *Torá* no Monte Sinai, a lembrança do *Shabat* para santificá-lo, a lembrança das provocações de nosso povo contra D’us no deserto. E ainda: lembrar sempre que D’us criou todos os seres e que não há outro, aflorando o amor contínuo a Ele – o que nos liga sempre ao Criador – com toda a nossa alma e todos os nossos bens.

Quem pensa que a lista acabou está enganado. Realmente ela é grande. Vejamos apenas mais um exemplo: É uma *mitsvá* lembrarmos constantemente as bondades que D’us fez com nossos antepassados no passado e as bondades e favores que faz com os judeus em todos os lugares e em todos os tempos. A pessoa precisa também estar consciente das bondades que D’us faz com cada um particularmente desde o dia do seu nascimento até o presente momento. O princípio deste mandamento encontra-se na *Torá* (Devarim 8:2) e

está enumerado entre os 613 mandamentos conforme a opinião de *Rabênu Yoná*. Esta *mitsvá* não tem um prazo estipulado e limitado. Ela obriga todo judeu, não num determinado momento, mas durante o ano todo em todo o tempo possível.

Surge uma pergunta: Será que isso é possível? Será que é praticável? Nós esquecemos coisas muito mais simples! Por exemplo: hoje foi o último dia para o pagamento de uma conta. Há dois dias que estou com isso na cabeça, para pagar hoje à tarde. E quando é que me lembrei? Somente hoje às oito da noite, quando todas as agências já fecharam suas portas! Será que a *Torá* deseja que uma criatura como eu carregue todo este pacote de lembranças? Todas estas lembranças não são simplesmente realizadas em alguma hora do dia e pronto! Como posso pensar nelas constantemente? Será possível pensar em dois assuntos ao mesmo tempo?

Apresentei todas estas perguntas a meu amigo, o Sr. Menachem. Descrevi minhas dúvidas e dificuldades. Parecia que ele não estava ouvindo nenhuma novidade. Após as perguntas ele começou a despejar suas respostas:

“Veja, meu caro amigo. No meu bolso direito surgiu um furo. Isto aconteceu por causa das chaves que coloco lá frequentemente. Quando descobri o furo, decidi que neste bolso não pode-

O judaísmo mais perto de você!

editora & livraria

**SEFER**

A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL  
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366  
www.sefer.com.br

Edmond Khafif e filhos

Parabentizam a Congregação Mekor Haim pela divulgação dos valores judaicos e desejam paz e saúde para todo Am Yisrael.

A confiabilidade dos anúncios desta publicação é de inteira responsabilidade dos anunciantes, não cabendo responsabilidade à diretoria da Congregação ou a seus associados.

**NASCENTE**



ria mais colocar dinheiro enquanto não fosse remendado. Apesar disso, quando recebi o troco no supermercado, minha mão automaticamente enfiou as moedas no bolso direito. O que você pensa? Que não lembrei da existência do furo? O conhecimento do furo está bem aqui na minha cabeça e com certeza poderia lembrar dele. Mas este conhecimento não se transformou dentro de mim num sentimento constante a ponto de eu não usar o bolso para guardar dinheiro. Depois de dois, três dias, quando as moedas caíram algumas vezes no chão, esta lembrança tornou-se um conhecimento constante e não coloquei mais moedas no bolso.

“Um eletricista às vezes mexe com um aparelho elétrico mesmo quando está ligado na tomada. Ele está habituado com o cuidado que deve ter. Eu não digo que ele se lembre a todo instante que o aparelho está ligado, ele praticamente ‘sente’ isso. O conhecimento dele sobre o perigo de levar um choque é constante. O interessante é que este conhecimento não o atrapalha na maneira de trabalhar corretamente.

“O mesmo ocorre com quem sobe numa escada alta para consertar algo no telhado. Ele sente ininterruptamente que se encontra sobre uma escada. Chamando esta situação de “lembrança”, causamos uma pequena confusão. Não é uma lembrança como a de pagar uma

conta, apesar de serem chamadas da mesma forma.

“Um funcionário de um banco contou-me que, por motivos de segurança, afixaram uma câmara de vídeo em seu local de trabalho. Por um circuito fechado todas as imagens passaram a ser transmitidas para o gerente no andar superior e para o chefe de segurança. Meu amigo relatou-me sobre a sensação desagradável de estar sendo observado a todo instante. Ele continua fazendo o mesmo que fazia até então, porém sobre todos os seus atos paira o sentimento de que alguém o está vigiando ‘de cima’.”

Depois destes exemplo, o Sr. Menachem passou a responder minhas dúvidas:

“Nossa fé completa de que D’us sabe de cada ato que fazemos e que Ele constantemente nos observa, não deve atrapalhar nosso dia-a-dia, se este for de uma conduta correta. ‘*Shiviti Hashem lenegdi tamid*’ – colocar D’us perante nós constantemente – não quer dizer que devemos deixar de fazer algo para dedicarmos-nos a isso. É um princípio e uma consciência que deve nos abraçar em todos os atos comuns do dia-a-dia. Isso nos traz o sentimento de que estamos fazendo tudo perante um grande Rei. Lembrar o castigo de *Miryam* por ter falado sobre seu irmão e cuidar da fala por isso, não está desvinculado do

sentimento de estar presente perante o Rei – é decorrente disso.

“A *mitsvá* de lembrar que D’us é bondoso conosco não nos obriga a parar nossos negócios. Nós comemos, bebemos, trabalhamos, compramos, estudamos e conversamos. Fazemos tudo isso envolvidos pelo reconhecimento do bem constante que nos é proporcionado – pela possibilidade de estar fazendo essas coisas. Este sentimento de reconhecimento em relação a D’us se encaixa perfeitamente no conceito das outras lembranças que mencionamos.

“O amor e o temor a D’us, o reconhecimento da Providência Divina e dos benefícios que recebemos se enquadram e se completam uns aos outros. Esses conceitos auxiliam o judeu, com saúde física e espiritual, no caminho de seu aperfeiçoamento.”

Com isso, o Sr. Menachem concluiu sua explicação:

“Quem carece destes sentimentos corretos se compara à sua tia, coitada! Um sujeito sem estes sentimentos não sabe perante Quem está. Não sabe Quem está acima dele. Esqueceu de onde vem e não sabe para onde vai. Não lembra quais são suas obrigações! Isso é vida? A sua tia está doente, coitada, contra sua própria vontade. Mas nós temos a possibilidade de viver uma vida de lembranças corretas. Isto está ao alcance de cada um!”

HM  
Hecho por Mi  
Costura - Crochê

Kissuim  
Imperdíveis!

Garanta  
já os  
seus!

Telefone: 94168-5077

ANUNCIE AQUI!

Anunciando na  
**NASCENTE**

seus conhecidos e amigos serão  
também seus clientes e você ainda  
estará colaborando para a  
divulgação dos  
valores judaicos!



# Como Remover Manchas de Tecidos

Truques e dicas fáceis e práticas para descomplicar sua vida e solucionar incontáveis problemas do dia a dia!

1. Antes de aplicar qualquer produto ou detergente, verifique as instruções em etiquetas na parte interna das roupas e nas embalagens.
2. Antes de tentar qualquer solução para retirar manchas dos tecidos, passe sobre o local um pouco de sal de cozinha úmido e deixe alguns minutos. Isto ajuda a retirar a mancha.
3. Trate da mancha logo que ela apareça.
4. Não lave a roupa antes de tratar da mancha.
5. Identifique qual o tipo de mancha e em que tecido ela se encontra.
6. Procure analisar o problema com calma. Em princípio, não use água quente, secador de cabelos ou ferro elétrico. Temperatura alta fixa alguns tipos de manchas.
7. Siga sempre as recomendações escritas nas etiquetas e nas embalagens de detergentes e removedores.
8. Teste o removedor ou qualquer outra fórmula num pedaço do tecido (que não seja visível quando em uso) para saber se não vai estragar o pano.
9. Coloque (se possível) um pano grosso limpo e seco do outro lado do tecido, para que não deixe passar líquidos para outras partes da peça.
10. Retire o máximo de material da mancha (raspando com espátula de plástico, pinçando com papel absorvente) antes de começar a limpá-la.
11. Cuide para não aprofundar a mancha (esfregando fortemente, raspando com objeto cortante) ou danificar o material manchado.
12. Limpe das bordas para o centro, evitando espalhar a mancha.



**Açúcar ou xarope:** Aplique uma solução feita de três partes de água e uma parte de álcool. Depois, lave normalmente.

**Álcool:** Lave o tecido rapidamente com água fria.

**Barro:** Deixe secar e raspe fora toda a parte endurecida. Lave a pequena mancha que restar em água fria e sabão. Se persistir, use álcool, ou água com vinagre de álcool, ou água com amoníaco.

**Batom I:** Limpe com álcool ou benzina. Depois lave com água e sabão normalmente.

**Batom II:** Mergulhe a peça numa parte de água oxigenada com quatro partes de água fria. Depois lave normalmente com sabão em pó.

**Batom III:** Passe um pouco de vaselina sobre a mancha e depois lave com água morna e sabão. Nos tecidos não laváveis, passe um pouco de vaselina e, em seguida, limpe cuidadosamente com um algodão embebido em tetracloreto de carbono.

**Batom IV:** Coloque um pano limpo sobre a mancha e vire do avesso. Passe uma pasta de sabão em pó e água do lado avesso, forçando sobre o pano e mudando de lugar. Lave com um pano molhado limpo e depois passe um pano bem seco.

**Batom V:** Se o tecido for de algodão ou lã, passe um cotonete embebido com éter.

**Bebida alcoólica I:** Aplique éter. Depois, enxágue com água limpa.

**Bebida alcoólica II:** Coloque de molho em água fria com algumas colheres de sopa de glicerina. Enxágue com vinagre de álcool e água.

**Bolor:** Roupas de algodão ou linho branco deverão ser mergulhadas por um minuto ou dois numa mistura de: 1 parte de água sanitária, 5 partes de água e 1 colher de vinagre de álcool. Lavar em seguida. Em outros

tecidos, basta passar um pouco de água oxigenada de 10 volumes sobre a mancha e lavar imediatamente.

**Cacau:** Molhe com uma mistura de 50% de água e 50% de álcool, enxágue bem e seque.

**Café I:** Passe rapidamente sobre a roupa uma pedra de gelo. Depois, enxugue com uma toalha.

**Café II:** Aplique uma mistura de álcool e vinagre de álcool (para café sem açúcar) ou use glicerina (para café com açúcar).

**Café III:** Lave o tecido na hora (se puder) com água fervente. Caso só possa cuidar disso depois, esfregue com cuidado uma pedra de gelo, até que a mancha desapareça.

**Café, chá ou chocolate:** Molhe imediatamente com água fria. Depois, esfregue com um pano embebido em vinagre de álcool. Pingue sobre a mancha água oxigenada de 10 volumes. Deixe por alguns minutos e lave normalmente.

**Café com leite ou chocolate com leite:** Lave imediatamente. Se a mancha ficar seca, misture água quente e gema e esfregue bastante o local. Lave depois. Se ainda restar mancha, passe álcool.

**Carvão:** Esfregue suavemente com miolo de pão fresco.

**Cera de vela I:** Use uma esponja com solvente e aplique sobre a mancha. Misture uma colher de chá de detergente neutro num copo de água morna e molhe novamente a mancha. Depois, passe uma esponja com água limpa para retirar o excesso.

**Cera de vela II:** Raspe a maior parte possível da cera derretida, mas com cuidado para não aumentar a mancha. Prepare um recipiente com gelo dentro. Ponha sobre a mancha. Se esta for muito grande, vá por partes. Depois de gelar o local, raspe com cuidado mais um pouco da cera.

**GRUPO line** OUTSOURCING DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica. Colocamos impressoras em comodato a custo zero.

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras. Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa.

Retiramos e entregamos sem nenhum custo.

**Televentas: 3331-3831**  
**www.gpline.com.br**

**Menahem S. Khafif e Família**

Desejam muito sucesso para a Congregação em todos os seus empreendimentos.

**David Abadi e Família**

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a kehilá.

IPL  
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.

**IP**



Depois use um secador de cabelo para aquecer a área e raspe a cera. Pode-se também colocar um papel bem absorvente sobre a mancha e passar o ferro quente sobre o papel. Se restarem resíduos, coloque álcool e deixe por 30 minutos. Esfregue com uma escova, enxágue com água limpa e deixe secar.

**Cerveja:** Misture uma colher de chá de detergente (sem cloro) em um copo de água morna. Molhe. Misture 1/3 de vinagre de álcool com 2/3 de água. Molhe. Passe uma esponja com água limpa. Absorva o máximo de líquido e deixe secar.

**Chiclete I:** Use benzina.

**Chiclete II:** Esfregue devagar um pedaço de gelo sobre a mancha. Isso descolará os restos do chiclete. A seguir, embeba o local com tetracloreto de carbono. Se estiver em casa, tente este processo mais simples: pegue a roupa ou o sapato com chiclete e embrulhe com plástico. Coloque o saco no congelador e deixe lá por algumas horas. O chiclete se desprenderá passando a unha.

**Chiclete III:** Coloque sobre ele uma folha de papel e passe o ferro bem quente. O chiclete desgrudará com facilidade.

**Chocolate em algodão de cores firmes:** Embeba a mancha com álcool e depois com água quente com algumas gotas de amoníaco.

**Chocolate em lã:** Esfregue com um pano ou algodão embebido em vinagre de álcool ou glicerina. Use depois outro pedaço de algodão, molhado em água morna, para retirar a glicerina.

**Chocolate em seda, náilon, fibra sintética ou lã fina:** Umedeça, prudentemente, com tetracloreto de carbono. Enxugue levemente com uma toalha. Recomece com tetracloreto, exercendo alguma pressão, sem es-

fregar, para não alterar as cores ou a textura do pano.

**Coca-cola:** Lave sempre com água fria. A água quente fará efeito contrário, ajudando a fixar a mancha.

**Cola:** Misture uma colher de chá de detergente (sem cloro) em um copo de água morna e molhe. Misture 1/3 de vinagre de álcool de cozinha com 2/3 de água. Molhe. Passe uma esponja com água limpa. Absorva o máximo de líquido e deixe secar.

**Cola no sofá ou no tapete:** Coloque no local um pano embebido com vinagre de álcool. Depois é só retirar a cola.

**Desodorante:** Umedeça uma esponja bem limpa com água oxigenada e esfregue na parte manchada do tecido. Depois de alguns segundos, lave normalmente com água morna e sabão em pó.

**Doces:** Coloque uma colher de chá de detergente neutro em um copo de água morna. Aplique. Misture 1/3 de vinagre de álcool em 2/3 de água. Aplique. Misture uma colher de chá de detergente neutro num copo de água morna. Aplique. Coloque água limpa e absorva com esponja.

**Esmalte de Unhas:** Retire o que for possível raspando. Depois lave o local com aguarrás ou acetona. Seque com talco, deixando que absorva o máximo possível. Depois de alguns minutos, sacuda o talco. Repita a operação. Lave com sabão e água limpa.

**Estofados:** Creme de barbear é excelente para retirar manchas comuns.

**Ferro de passar:** Remova manchas feitas pelo ferro muito quente nos tecidos expondo-as ao vapor de água e esfregando com uma solução de limão e sal. Ou esfregue uma solução aquecida de vinagre de álcool e sal.

**Ferrugem I:** Aplique suco de li-

mão, cubra o local com sal e depois lave com água morna ou coloque ao sol. Quando não houver sol, para tirar manchas de roupas brancas, passe limão sobre a mancha e segure a fazenda sobre o bico de uma chaleira fervendo. Repita até desaparecer a mancha.

**Ferrugem II:** Passe uma mistura de suco de limão com bicarbonato.

**Ferrugem em tecido branco:** Esfregue o local com um pouco de leite azedo.

**Fezes:** Misture uma colher de chá de detergente neutro com água morna e aplique sobre a mancha. Coloque uma colher de amônia em meio copo de água e aplique. Novamente passe detergente neutro. Aplique uma mistura de 1/3 de vinagre de álcool com 2/3 de água. Passe uma esponja com água limpa e espere secar. Novamente detergente neutro. Depois, passe uma esponja com água limpa e espere secar.

**Flores:** Aplique uma solução de álcool e amoníaco com algodão, lavando em seguida.

**Frutas I:** Faça uma aplicação de amônia, vinagre de álcool ou então dilua uma porção de álcool em três de água. Deixe por alguns minutos. Lave com sabão, enxágue em água limpa e seque.

**Frutas II:** Deixe água escorrer pelo tecido manchado. O ideal é que a água caia de uma altura maior, por exemplo: do chuveiro.

**Frutas III:** Coloque leite fervente sobre o tecido.

**Frutas IV:** Use água fervendo despejada do avesso para o direito, conservando a peça sobre uma tigela. Se não sair, experimente água oxigenada. Em roupas não laváveis, experimente álcool.

**Frutas e legumes:** As manchas de frutas e verduras, como os toma-



tes, fixam-se nas roupas se forem expostas ao calor – como o do ferro de passar, por exemplo. Passe imediatamente na mancha um pano embebido em vinagre de álcool (roupas delicadas) ou em água oxigenada 10 volumes (roupa mais resistente). Depois lave.

**Frutas em tecidos de lã:** Lave com uma mistura de álcool e água fria em partes iguais. Depois enxágue com bastante água.

**Frutas vermelhas:** Lave o tecido com uma solução de vinagre de álcool e álcool em partes iguais.

**Geléia:** Coloque talco, espere alguns minutos e sacuda para retirar a maior parte do talco. Depois, molhe em mistura de 1/4 de álcool e 3/4 de água. Lave novamente com água pura e deixe secar.

**Gordura I:** Aplique uma gema de ovo dissolvida em um pouco de água.

**Gordura II:** Aplique um pano embebido com benzina ou esfregue um pedaço de cebola crua, colocando um pano por baixo da mancha.

**Gordura III:** Cubra imediatamente com bastante talco. Deixe o talco por 12 horas sobre a mancha e depois escove. Se a mancha resistir, coloque mais talco, mata-borrão e passe o ferro bem em cima do mata-borrão. Se não tiver talco, espalhe sal fino. Em seda, esfregue magnésia e exponha ao calor do fogo. A magnésia absorverá imediatamente a gordura.

**Gordura IV:** Coloque farinha de trigo sobre a mancha e um mata-borrão limpo sobre a farinha. Passe um ferro bem quente sobre o mata-borrão, até que haja absorção da gordura pela farinha quente e pelo mata-borrão. Escove a farinha fora. Se ainda restar mancha, repita a operação.

**Gordura (maionese, manteiga, margarina, óleo) I:** Coloque talco sobre o local manchado por alguns mi-

nutos, depois retire a maior parte do talco e lave normalmente com sabão em pó. Se necessário, repita a operação.

**Gordura (maionese, óleo, manteiga, margarina) II:** Primeiro, dissolva a mancha esfregando-a levemente com um solvente apropriado para tecidos. Depois, polvilhe o local com talco neutro. Deixe agir por umas três horas. Depois escove a roupa.

**Gordura (maionese, óleo, manteiga, margarina) III:** Umedeça a mancha. Depois passe uma pasta feita com sapólio, água e algumas gotas de hipoclorito de sódio. Deixe por alguns minutos e lave normalmente.

**Gordura em seda:** Esfregue delicadamente éter ou benzina com algodão. Depois lave como de costume.

**Gordura no sofá:** Tire os resíduos com talco. Se necessário, passe depois um pano umedecido em água com amoníaco.

**Gramma:** Esfregue as manchas de grama com álcool.

**Graxa I:** Retire o máximo com papel absorvente ou espátula e esfregue o local com benzina.

**Graxa II:** Retire o que for possível com papel absorvente ou espátula. Misture aguarrás e água pura na mesma proporção, coloque na mancha e espere alguns minutos. Lave com sabão, enxágue e deixe secar.

**Graxa III:** Uma boa maneira de limpar mancha de graxa é criando outra mancha – de gordura. Passe manteiga sobre a mancha. Deixe agir por algumas horas. Umedeça em seguida com terebintina (aguarrás) e tire a gordura raspando cuidadosamente com uma faca aquecida, até tirar a crosta da graxa. Molhe outra vez com terebintina e esfregue levemente até secar.

**Graxa IV:** Esfregue detergente

fortemente e depois passe em água quente. Ou esfregue com solvente de graxa, como Varsol. O sistema usado pelos tintureiros é o seguinte: Passe a ferro a mancha até ficar bem quente. Passe uma mistura de varsol com talco sobre a mancha e deixe secar. No dia seguinte, escove fortemente até sair o talco e a mancha.

**Guardanapos:** Deixe de molho em solução de hipoclorito de sódio (água de lavadeira, cândida).

**Iodo I:** Aplique vinagre de álcool no local, lave com sabão e seque.

**Iodo II:** Aplique álcool sobre a mancha ou passe um pano embebido em leite. Depois lave com água fria e sabão.

**Lama:** Lave com água fria e enxágue com um pouco de vinagre de álcool. Se o tecido for escuro, espere que fique bem seca, escove-a e esfregue uma rodela de batata crua.

**Leite:** Lave com uma solução de vinagre de álcool e álcool em partes iguais, impregnando bem o tecido. Em seguida, lave normalmente.

**Licor I:** Aplique álcool puro. Depois lave com sabão em pó.

**Licor II:** Se as manchas já secaram, passe pó de café associado a óleo de linhaça e terebintina (aguarrás).

**Maquiagem:** Uma fatia de pão pode remover mancha de maquiagem em roupas escuras.

**Massa de tomate:** Evite passar a ferro, porque o calor fixa a mancha que ficará muito difícil de sair. Em roupas laváveis, passe água fria e deixe alguns minutos. Esfregue um pano molhado em detergente sobre a parte manchada. Depois lave.

**Mercúrio cromo I:** Passe rapidamente uma pedra de gelo.

**Mercúrio cromo II:** Coloque num balde 4 litros de água quente, 4 colheres de sopa de água sanitária e uma



colher de café de vinagre de álcool ou de suco de limão. Deixe imerso o tecido por 15 minutos. Em seguida esfregue e enxágue abundantemente.

**Mertiolate:** Misture uma colher de chá de detergente neutro, não alcalino (sem cloro) em um copo de água morna. Molhe. Coloque uma colher de chá de amônia em meio copo de água. Molhe. Misture 1/3 de vinagre de álcool com 2/3 de água. Molhe. Passe novamente o detergente neutro com água morna. Com uma esponja embebida em água limpa, pressione no local. Com uma esponja seca vá retirando o máximo de líquido. Seque em lugar ventilado.

**Mofa:** Ferva a peça em uma solução de água e bicarbonato de sódio. Adicione 4 colheres de chá de bicarbonato para cada litro de água.

**Molho de tomate:** Misture uma colher de chá de detergente neutro num copo de água morna e molhe a mancha. Coloque uma colher de chá de amônia em meio copo de água e aplique sobre a mancha. Passe uma esponja novamente com detergente neutro. Enxágue com água limpa para retirar o excesso.

**Molho shoyu:** Rale um pouco de nabo e coloque em cima do local atingido.

**Morango:** Coloque em água fria por alguns minutos. Depois esfregue com uma rodela de limão, passe por água limpa, coloque de molho com sabão em pó e lave em água morna.

**Moscas:** As moscas deixam manchas nas cortinas e toalhas. Remova usando uma solução de álcool e água destilada.

**Moscas:** Esfregue com uma rolha de cortiça. Passe uma mistura de três partes de óleo de parafina e uma parte de vinagre de álcool.

**Mostarda I:** Rapidamente raspe o excesso com uma colher, depois co-

loque um pouco de detergente neutro sem cloro (uma colher de chá) numa xícara de água quente. Coloque um pano embebido nessa mistura, em cima da mancha, e deixe por 5 a 10 minutos. Enxágue com água morna até que todos os resíduos tenham desaparecido.

**Mostarda II:** Misture 1/3 de xícara de vinagre de álcool com 2/3 de água. Deixe no máximo por um minuto. Absorva o líquido com uma toalha de papel absorvente branco ou um pano. Depois lave normalmente.

**Nicotina:** Esfregue com uma escovinha embebida em álcool a 90 graus. Depois lave normalmente.

**Óleo:** Aplique uma pasta de farinha de fubá bem molhada com suco de limão.

**Óleo, manteiga:** Deixam frequentemente manchas em toalhas de linho ou algodão. Umedeça e aplique uma pasta de sapólio com água e gotas de hipoclorito de sódio. A mancha desaparece depois que lavar normalmente.

**Ovo:** Nunca lave com água quente. Coloque uma pasta de sal e água sobre a mancha durante alguns minutos. Lave com água fria e sabão ou aplique um pano molhado em água oxigenada.

**Perfume:** Coloque a mancha sobre um mata borrão branco e limpo e esfregue-a com algodão embebido de álcool. Deixe o álcool secar expondo o tecido ao sol. Depois lave.

**Piche:** Use uma esponja com produto para limpeza a seco e aplique sobre a mancha. Misture uma colher de chá de detergente neutro num copo de água morna e molhe novamente a mancha. Passe uma esponja com água limpa para retirar o excesso. Espere secar. Ou então, experimente antes molhar a mancha com um pouco de óleo puro de amêndoa e lave depois com água morna.

**Queijo:** Misture uma colher de chá de detergente neutro com água morna e aplique sobre a mancha. Coloque uma colher de amônia em meio copo de água e aplique sobre a mancha. Novamente passe detergente neutro. Faça uma mistura de 1/3 de vinagre de álcool com 2/3 de água. Aplique. Novamente detergente neutro. Agora passe uma esponja com água limpa e espere secar.

**Sangue fresco I:** Coloque água fria em um pano bem limpo e pressione sobre a mancha várias vezes, sempre limpando o pano. Seque com outro pano, também pressionando.

**Sangue fresco II:** Aplique um pano com vinagre de álcool, espere alguns minutos e lave o tecido.

**Sangue III:** Lave com água fria e sabão de coco durante alguns minutos. Se não sair, passe água oxigenada (se o tecido for resistente). Deixe agir por algum tempo e depois lave. Se o tecido for colorido ou delicado, desfaça um comprimido de aspirina em um copo de água. Mergulhe a mancha nessa mistura por algum tempo e depois lave normalmente.

**Sangue IV:** Cubra imediatamente a mancha com uma pasta de maiseina e água fria. Esfregue ligeiramente e coloque o objeto ao sol para secar. Depois passe uma escova.

**Sapatos de tecido:** Limpe com álcool, benzina ou querosene.

**Sorvete:** Coloque uma colher de chá de detergente neutro num copo de água morna e molhe a mancha. Misture uma colher de chá de amônia em meio copo de água e passe na mancha. Repita com o detergente neutro. Pressione o local com uma esponja com água limpa. Absorva o máximo com um pano seco.

**Tapete I:** Tire a mancha o mais depressa possível. Se for comida, cubra a mancha com papel absorven-



te e pressione com cuidado. Depois, passe uma escovinha com água morna e sabão de coco, de leve, e retire o sabão. Para tintas e outros produtos fortes, use o tira manchas indicado pelo fabricante.

**Tapete II:** Use creme de barbear. A espuma é um bom removedor e age instantaneamente. Lave em seguida.

**Tinta:** Deixe de molho no leite quente, renovando a cada duas horas. Depois lave.

**Tinta de carimbo:** Aplique suco de limão polvilhado com sal fino. Espere uns 20 minutos.

**Tinta plástica:** Raspe o que for possível com cuidado para não aumentar a mancha, molhe o local com água e depois com o diluente da tinta. Lave e seque.

**Tinta a óleo:** Mesmo que já tenha secado e endurecido, sai com uma solução em partes iguais de terebintina (aguarrás) e amoníaco.

**Tinta esferográfica I:** Deixe durante várias horas dentro de leite. Depois esfregue com vinagre de álcool ou limão ou água sanitária diluída, com cuidado para não descolorir ou manchar o tecido.

**Tinta esferográfica II:** Aplique um dos solventes para limpeza que se encontram no mercado, álcool ou acetona. Nunca aplique o removedor diretamente na mancha. Use um pano branco dobrado limpo e seco. Depois de molhado deve ser pressionado sobre a mancha sem arrastar, para não aumentar a área afetada.

**Tinta esferográfica III:** Umedeça o local da mancha com vinagre de álcool. Enxugue pressionando um pano limpo, sem esfregar.

**Tinta esferográfica IV:** Aplique um pouco de álcool no lugar manchado, a seguir esfregue com sabão em barra. Lave novamente com água limpa.

**Tinta esferográfica V:** Esfregue ligeiramente com leite azedo ou com uma mistura de leite e vinagre de álcool. Se necessário, repita a operação.

**Tinta esferográfica VI:** Coloque bastante laquê em cima da mancha, deixe secar bem e lave com água e sabão neutro.

**Tinta esferográfica VII:** Se a mancha for sobre tecido de algodão, tire com solvente apropriado para tecidos. Se for em tecido de lã, esfregue levemente com álcool. Se for sobre poliéster, basta tirar com solvente incolor para esmalte de unhas ou álcool.

**Tintura para cabelo:** Limpe com uma solução de ácido nítrico e ácido oxálico em partes iguais. Deixe sobre a mancha por alguns minutos e depois lave em água fria.

**Transpiração I:** Em tecidos resistentes, esfregue a mancha com água oxigenada. Se o tecido for mais delicado, deixe de molho durante cerca de dez horas em uma mistura de água e vinagre de álcool.

**Transpiração II:** Lave em água morna e detergente. As manchas recentes saem com aplicação de amoníaco em solução (1 colher por litro de água). Depois enxágue em água pura. As manchas mais antigas precisam ser tratadas com vinagre de álcool e depois passadas em água pura. Para as manchas amarelas e muito antigas, experimente uma solução de ácido oxálico.

**Urina:** Misture uma colher de chá de detergente neutro com água morna e aplique. Faça uma mistura de 1/3 de vinagre de álcool com 2/3 de água e aplique por um minuto no máximo. Coloque uma colher de amônia em meio copo de água e aplique por um minuto no máximo. Absorva o líquido com uma toalha de

papel absorvente branco ou um pano. Novamente detergente neutro. Passe uma esponja com água limpa e espere secar.

**Veludo:** Passe uma escova limpa umedecida com álcool.

**Vinho branco:** Coloque sal fino sobre a mancha umedecida por alguns minutos. Derrame em cima do sal leite bem quente. Depois lave com água fria normalmente.

**Vinho tinto I:** Cubra a mancha com sal. Depois use água fervendo despejada do avesso para o direito, conservando a peça sobre uma tigela.

**Vinho tinto II:** Jogue um pouco de vinho branco (*cashier*), não é necessário esfregar. Após 5 minutos, lave normalmente com sabão em pó. Persistindo marcas, deixe de molho em água e sabão em pó por algum tempo. Enxágue bastante e, se necessário, esfregue suavemente a mancha com sabão de coco e água morna.

**Vinho tinto III:** Mergulhe imediatamente a peça manchada numa vasilha com leite, ferva a peça no leite e deixe de molho até a mancha desaparecer.

**Vinho tinto IV:** Salpique com muito açúcar. Molhe com água fria e esfregue a mancha até sair, antes de lavar.

**Vinho tinto no carpete:** Passe vinho branco.

**Vômito I:** Lave com água e enxágue. Coloque suco de limão sobre a mancha ou uma solução de 1/4 de álcool diluído em 3/4 de água. Depois lave normalmente.

**Vômito II:** Misture duas colheres de sopa de amônia numa xícara de água. Coloque sobre a mancha e deixe menos de um minuto. Absorva o líquido com uma toalha de papel absorvente branco ou pano. Enxágue com água limpa várias vezes.



# Nossa Gente

## Nascimentos

- Mazal tov pelo berit milá para as famílias: Adam Schwarcz, David Sterenfeld, Isaías Azulay, Joseph Haifaz, Nir Cohen, R. Shaul Khalili Boukai e Richard Pluznik.
- Mazal tov pelo nascimento da filhinha para a família Ramon Dayan.

No Berit Milá do filho de Isaías Azulay





No Berit Milá do filho de Richard Pluznik



Veja 19 fotos no Nossa Gente do Portal, [www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)



No Berit Milá do filho de Nir Cohen



Veja 20 fotos e 2 vídeos no Nossa Gente do Portal, [www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)



No Berit Milá do filho de R. Shaul Khalili Boukai



 *Veja 21 fotos e 2 vídeos no Nossa Gente do Portal, [www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)*



# Bar Mitsvá

• Mazal tov aos jovens benê mitsvá: Benny Elie Attar, Dan Neumann, Daniel Majowka, David Barzilai, Levi Itzchak Rosenberg, Moishe Meir, Nathan Benaion Hamoui e Rafael Grunkraut.

No Bar Mitsvá de David Barzilai



Veja 14 fotos e 1 vídeo no Nossa Gente do Portal, [www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)



- Mazal tov pelos noivados para as famílias: Cianban e Homsani (Baruch e Adela), Pinto e Soffer (Marcos e Michal Camila), Laniado e Khafif (Avraham e Tamar Celia), Diwan e Cohab (Johnny e Camila), Nasser e Perl (Victor e Suzi).
- Mazal tov pelos casamentos para as famílias: Meir e Besser (Israel e Elke), Yehuda e Zeitoune (Yaccov Israel e Francis), Rejwan e Kotujansky (Léo e Deborah), Rabinowitz e Winik (Celso e Ella), Naparstek e Stolik (Mendy e Mina), Grosskopf e Salamon (Michael Elimelech e Malka Ruchel), Kramer e Segal (Moshe e Rivka), Hamoui e Sarfaty (Rafael e Nicole), Harari e Muller (Alberto e Simone), Fuks e Landau (Simcha e Sara), Harari e Laniado (Moshe e Mazal), Aboulafia e Grunhut (Avraham e Suri), Dayan e Laniado (Avraham e Mazal), Negrão e Leviov (Shai e Tamar), Wajnne e Dahan (Uriel e Sara), Grankiewicz e Szajnbok (Aharon e Miriam).

No Casamento de Israel Meir e Elke Besser



Veja 18 fotos no Nossa Gente do Portal, [www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)



No Berit Milá do filho de Adam Schwarcz



No Bar Mitsvá de Daniel Majowka



Shlomo Goldfarb



Veja 13 fotos no Nossa Gente do Portal, [www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

No Casamento de Uriel e Sara Waknine nos Estados Unidos





No Siyum Massêchet Bechorot do grupo que estuda o Daf Hayomi na Congregação



Na inauguração da Sinagoga Nevê Itzhak – antes no Guarujá – agora em Kiryat Yearim, na entrada de Jerusalém, sob direção do R. Shmuel Baranes



Portal judaico brasileiro

# NASCENTE

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

- Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica
- Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi
- Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour
- E muito mais!

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)





# Conversa de Anjos

Certo dia, num local distante, dois anjos se encontraram. Um dos anjos era o responsável pelos sonhos dos homens. O outro era responsável pelos sucessos.

**Os dois** anjos começaram a conversar, cada qual expondo perante o colega seus surpreendentes feitos.

O anjo dos sucessos contou sobre um pobre coitado que, num instante, foi tirado da miséria para a realeza. O anjo dos sonhos, por sua vez, relatou sobre um longo e bem-sucedido sonho que produzira para um homem.

Depois de uma longa conversa, os dois se

despediram, combinando reencontrarem-se no dia seguinte para, novamente, comentarem suas façanhas.

Mal haviam se despedido e o anjo dos sonhos decidiu usar todo seu poder – naquela mesma noite – para proporcionar um sonho jamais visto.

Há muito tempo que os amigos do Sr. Henry não o viam tão sério. Já fazia um bom tempo que ele não estava satisfeito com o que se



passava na filial de sua empresa em Nova Iorque. Mas agora, à luz das últimas informações, constatando os dados e os gráficos nos relatórios, ele entendeu que seu pressentimento não era infundado.

Durante toda sua vida, o Sr. Henry acreditou que o sucesso da pessoa dependia exclusivamente dela mesma. Sua máxima preferida, que repetia frequentemente aos seus funcionários era: “Se você se esforçar, certamente obterá sucesso”. Na sua escrivaninha havia uma placa, na qual se lia: “O segredo de caminhar sobre as águas está no conhecimento de onde repousam as pedras.” Cada funcionário recém admitido era convidado a ler esta placa sobre a mesa do chefe. Dando um tapinha amigável no ombro do funcionário, ele dizia: “Se olhares e pesares teus atos, obterás sucesso. Não existe outra possibilidade.”

Mas, agora, parecia-lhe existir outra possibilidade...

Os negócios do Sr. Henry estavam decaindo dia a dia e ele já não sabia mais o que fazer. Ele sempre fora uma pessoa honrada. Há poucos meses ele mudara sua máxima preferida para: “Não é o sucesso que torna a pessoa honrada, mas sim o seu próprio comportamento” – simpático.

– Nossos filhos e os vizinhos não saberão de nada! – assim combinou o Sr. Henry com sua esposa.

Tentaram manter as aparências, mas a qualidade da alimentação em sua casa foi decaindo. As crianças, acostumadas com restaurantes finos, tinham que se contentar com um pedaço de pão e meio copo de iogurte. Roupas novas, nem em sonho.

Após alguns meses de aparências, chegaram ao auge da crise: seus filhos foram dormir de barriga vazia. Não havia qualquer comida em casa!

Foi naquela noite que o anjo dos sonhos conversara com seu colega. E o Sr. Henry foi o escolhido para estrelar sua maior façanha.

As luzes da casa se apagaram e todos foram dormir. Antes de adormecer, o Sr. Henry começou a lembrar cenas de sua infância. Tanto mais ele tentava esquecê-las, mais elas se tornavam claras. Seu sangue fervia, como se os episódios estivessem acontecendo naquele exato momento. Lá estava ele: um jovem magro, suado da cabeça aos pés embaixo de um sol escaldante, batendo pregos em mais um caixote que corria na esteira automática.

Um silêncio absoluto pairava na casa e o Sr. Henry continuou a tecer seus pensamentos num sonho doce.

Eis os dias nos quais conseguira fundar suas filiais e aplicar seu dinheiro em investimentos rendosos. Rapidamente esta época passou perante seus olhos. Chegaram os dias em que sua firma decaiu até chegar à bancarrota. Seus filhos quase não comiam, enquanto a família tentava manter a mesma aparência de ostentações para os amigos e vizinhos. Mas essas dificuldades não duraram muito tempo. Pouco depois, um amigo de infância, que ele não via há muito tempo, propôs-lhe participar de um investimento num negócio que estava florescendo. Os lucros foram enormes, cobriram todas as dívidas e ainda sobrou uma quantia razoável para servir de base para aplicações financeiras.

Dormindo como um bebê, um sorriso largo iluminou o rosto do Sr. Henry que, acordado, já não sorria há vários meses. Como agradecimento a D’us pelo acontecido, ele convidou um grupo de amigos e um rabino respeitado para uma refeição de graças que realizou em sua casa.

Mesas bem postas por uma equipe de garçons engravatados recepcionavam os convivas. O dono da casa recebia os convidados segurando uma bandeja com copinhos de *lechayim*. Em sua face resplandecia uma imensa alegria.

*“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”*

*Ética dos Pais 5:23*

**ANUNCIE AQUI!**

Anunciando na

**NASCENTE**

**seus conhecidos e amigos serão também seus clientes e você ainda estará colaborando para a divulgação dos valores judaicos!**

Os convidados sentaram em volta das mesas e o Sr. Henry subiu num pequeno patamar, preparando-se para o discurso de recepção. Decidiu que o mais adequado seria iniciar com louvores e cânticos ao Criador, que o salvara da situação calamitosa.

O Sr. Henry balançava sua mão direita, enquanto de sua boca fluíam as palavras de consolo do profeta Yirmeyáhu: “A bondade de *Hashem* não tem fim, pois Sua piedade não findou.” Todos bateram palmas empolgados, estremecendo as paredes da casa.

De repente, o Sr. Henry empalideceu. Pela janela da sala ele viu uma arma apontada em sua direção. A arma estava na mão de um bandido conhecido, cujas fotos tinham sido divulgadas pelo governo.

Mesmo dormindo, gritos de socorro explodiram da garganta embargada do homem, quebrando o silêncio da noite. Os vizinhos, assustados, invadiram a casa, segurando paus e cabos de vassouras.

A cena era patética. O Sr. Henry estava de pé no meio da sala escura. Seus vizinhos fitavam-no, constrangidos, de dentro de seus pijamas. Seus pequenos filhos, que também acordaram repentinamente, soluçavam com barrigas vazias ao seu lado.

O soluçar de seus filhos trouxe-o de volta à realidade. “Crianças não se envergonham” também era uma de suas frases preferidas. “Sinta-se como uma criança”, dizia ele para um funcionário envergonhado. “Dirija-se confiante ao comprador, aperte sua mão com naturalidade e inicie uma conversa sobre qualquer trivialidade. Qual o problema? Tente?”

E, de fato, crianças não se envergonham. Os seus filhos famintos exigiam, lamuriando na frente de todos

os presentes, algo para encher suas pobres barrigas vazias:

– Papai, comida! Estamos com fome!

Durante um longo período o Sr. Henry ficou se beliscando, para tentar descobrir quando terminara o sonho e começara a triste realidade.

Os vizinhos foram até a cozinha procurar algo para dar às pobres crianças, mas encontraram uma geladeira vazia de alimentos e repleta de contas a pagar. Descobriram então a triste realidade da família.

Finalmente, alguns vizinhos piedosos trouxeram alimentos de suas casas. Fizeram a mesa e prepararam um jantar para as pobres crianças.

Aos poucos, todos foram se retirando, encarando com dó o Sr. Henry e seus familiares.

Ao amanhecer, a notícia se espalhou: o Sr. Henry perdera tudo e, provavelmente, também um pouco do seu juízo.

No dia seguinte, novamente os anjos se encontraram. O anjo dos sonhos não continha sua satisfação, enquanto relatava para o colega sua proeza. Animadíssimo, contava como o Sr. Henry, estupefato, ficou em pé na sala, vermelho de vergonha, enquanto os vizinhos bisbilhotavam a geladeira à procura de algum alimento para seus filhos.

Os olhos do anjo dos sucessos se arregalaram:

– Você não tem vergonha?! – exclamou ele. – Isso é de uma crueldade terrível! Além de envergonhá-lo perante todos, você semeou ilusões vãs! O despertar delas é amargo e duro! Como você pôde fazer algo tão baixo?

Indignado com as acusações, o anjo dos sonhos respondeu em tom mais áspero ainda:

– Pois vejam quem quer dar lições sobre ilusões vãs! Você, meu caro colega, anjo dos sucessos, engana as pessoas durante setenta, oitenta anos! Você escolhe um sujeito, dá a ele riqueza e sucesso. Com isso, faz com que ele pense que já possui tudo, que nada lhe falta. Então, no ápice do sucesso ele não tem tempo para frequentar as aulas de *Torá*, não tem tempo para ninguém. Ele está sempre muito ocupado. Então, quando “as cortinas descem e o espetáculo termina”, o *yehudi* sobe perante o Tribunal Celestial e descobre que tudo não passou de um grande sonho. Lá ele não encontra sua riqueza, nem sucesso ou honrarias. Nada! Pobre miserável...

– Diga-me então, caro colega – perguntou ironicamente o anjo dos sonhos – quem de nós é mais cruel? Eu, que em uma noite enganei uma pessoa, ou você, que durante toda a vida as engana?

O anjo dos sucessos abaixou seus olhos e partiu sem mesmo se despedir.

\* \* \*

Esta estória foi contada pelo Rábino Chayim David Kovalski *Shelita*. Provavelmente ela nunca aconteceu, mas sua lição de moral é muito forte. Nós devemos saber qual é nosso verdadeiro objetivo na vida – como alcançaremos o sucesso verdadeiro e eterno. Precisamos aproveitar cada dia que nos é confiado neste mundo. Não deixar nenhum deles passar em branco sem o estudo da *Torá*. Um dia sem *Torá* é um dia arrancado do calendário. Enquanto um dia com *Torá* é anotado com letras de ouro no Livro da Vida.

**Adaptado do Meorot Hadaf**





# Filho por Filho

Por que um bondoso senhor de idade se negaria em salvar a vida de um doente? A incrível história contada por Moshê Fraind sobre sua vida no gueto de Varsóvia e no campo de Buchenwald pode responder a esta pergunta. Mas nem mesmo o velho Moshê conhecia toda a verdade...

**A fofoca** se espalhou rapidamente: Chayim Brand, filho de *Reb* Moshê da Chevra Cadishá, era compatível para doar sua medula óssea para um doente com leucemia chamado Yisrael Bar-Tov. Porém ele se negava terminantemente a fazê-lo.

Para as comitivas que peregrinavam à sua casa rogando por piedade, ele respondia: “Particularmente não vejo qualquer problema em doar a medula neste instante, porém meu pai me proibiu categoricamente de doá-la, e eu lhe obedeco.”

Já *Reb* Moshê, o coveiro, silencioso e duro como as lápides que lhe faziam companhia, de-

cepcionou as comissões que se dirigiam a ele para tentar despertar sua compaixão.

Enquanto isso, o doente Yisrael Bar-Tov continuava internado no hospital, cercado por sua família temerosa. Já há duas semanas eles tinham sido notificados de que encontraram um doador de medula óssea. Assim, não compreendiam por que é que a coisa estava demonstrando.

Já era quase véspera de *Pêssach* e a tensão da família aumentava, principalmente a de Binjamin Bar-Tov, o velho pai de Yisrael. Este velava o leito de Yisrael dia e noite, perguntando a cada quinze minutos quando chegaria a doação.

Finalmente, dois dias antes de *Pêssach*, revelaram para a família chocada – Yisrael, seus

velhos pais, seus filhos, filhas, genros e noras – que o doador recusava-se a fazer a doação, pois seu pai o proibira.

Depois de muita insistência, Azaryáhu, um dos ativistas do hospital, resolveu ir à casa de Chayim Brand, junto com mais alguns rabinos e colegas, para tentar convencê-lo. Faltavam apenas duas horas para *Pêssach*.

Encontraram Chayim pálido e cansado. Era evidente que ele estava se rasgando entre sua forte vontade de realizar a doação e a proibição de seu pai.

– Será que você não pode dizer um não ao seu pai uma só vez? – perguntou Azaryáhu.

– Não posso – respondeu Chayim – pois meu pai nunca me pediu nada na vida, exceto isso. Ele dedicou sua vida a mim e eu sempre tentei retribuir-lhe algo, sem sucesso. O mais importante é que meu pai não é “qualquer um”. Ele é um homem especial, que durante toda a sua vida dedicou-se aos outros. De suas palavras deduzi que trata-se de um terrível segredo que ele não pode me revelar. Vocês não conhecem meu pai! Ele não recusaria algo tão importante, a não ser que tivesse uma boa razão.

– Então como poderíamos convencê-lo? – perguntou um dos rabinos.

– Tentem vir no meio do *Sêder* de *Pêssach*. É o único dia do ano em que ele fala – com a ajuda dos quatro copos de vinho. Talvez vocês consigam fazer o que eu estou tentando há um mês.

Durante o *Sêder* de *Pêssach*, entre o segundo e o terceiro copo de vinho, entraram na casa da família Brand três pessoas: Azaryáhu, um colega seu e o *Rav* Hilman, o único homem que exercia grande influência sobre *Reb* Moshê Brand.

*Reb* Moshê ouviu as palavras de Azaryáhu em silêncio. Aos poucos, seu rosto encheu-se de desgosto e lágrimas começaram a rolar por sua face.

– Eu sei o que vocês pensam de mim – disse ele. – Um velho teimoso, cruel, sem consciência. Sei que meu filho único também está aborrecido em sua coração por minha dureza. Mas o que vocês sabem, meus jovens, sobre a vida?

Todos ficaram em silêncio. Entenderam que *Reb* Moshê estava se preparando para revelar o motivo de sua teimosa recusa.

“Eu nasci em Varsóvia, há 87 anos. Meu nome então era Moshê Fraind. Hoje vocês me conhecem como um homem que não abre a boca, mas eu tinha uma língua afiada. Antes mesmo dos meus dezoito anos, era o “palhaço” da *yeshivá*. Ao casar-me, transformei as piadas em sustento. Eu era contratado para divertir os casamentos e as festas. Rapidamente tornei-me o comediante mais requisitado da Polônia.”

Chayim Brand piscou, incrédulo. Comediante?! Seu pai?

“Depois de um ano, tivemos um filho. Nós o chamávamos carinhosamente de ‘Lulik’. Era um menino peralta e simpático, que lembrava muito seu pai, principalmente no que diz respeito a piadas e traquinagens.”

Chayim Brand pasmou novamente. Seu pai nunca lhe contara que tivera um filho antes dele. Realmente, uma noite cheia de surpresas lhe estava destinada.

“Lulik logo se transformou no menino mais travesso de Varsóvia. No entanto, tinha um coração de ouro, sempre pronto a ajudar os outros; e era muito educado.

“Então chegou o Holocausto maldito e nós fomos transferidos para o Gueto de Varsóvia. A situação era miserável, mas Lulik ajudava a levantar o estado de espírito de todos os moradores, por meio de suas travessuras. Agora, a grande maioria delas era dirigida contra os soldados alemães. Ele conseguia estragar os carros alemães, sabendo

exatamente qual parafuso soltar, que tanque furar, como fazer com que os pneus estourassem sozinhos, e assim por diante.

“O nome de Lulik chegou aos ‘cabeças’ do gueto, chamados de ‘Judenrat’. Alguns deles se preocupavam com o gueto; os outros se preocupavam consigo mesmos, às custas dos demais moradores. Um desses líderes se chamava Glickman, mas nós o chamávamos de ‘Bomba’. Não se podia confiar nele. Ele nos dominava com dureza. Diziam que ele mantinha contatos secretos com os alemães. Certo dia, o Bomba mandou um mensageiro me prevenir de que os alemães estavam procurando um garoto chamado Lulik.

“Se o Bomba estava interessado no meu Lulik, era motivo para tomar cuidado. Mas Lulik não deu atenção aos meus avisos; continuava com suas traquinagens. Como se não bastasse, ele passou a sair do Gueto – D’us sabe como – e trazia-nos um monte de comida e bebida.

“Certo dia, Lulik fez sua grande travessura, por causa da qual fomos expulsos do gueto. Pelo jeito, já fazia meio ano que Lulik e seus amigos estavam juntando armas dos alemães, formando um arsenal. Num belo dia, quando os alemães se preparavam para livrar o gueto de mais algumas centenas de judeus, Lulik e seus amigos tomaram posições nas muralhas do gueto. Quando a caravana de carros alemães se aproximou, levou uma chuva de coquetéis Molotov, chumbo quente, granadas, balas e muito mais.

“Essa recepção calorosa deixou a grande maioria dos alemães fora de combate. Começou uma negociação entre eles e o Judenrat, ao cabo da qual os chefes do Judenrat tomaram a seguinte resolução: expulsar Lulik e sua família do gueto.

“Foi assim que acabamos chegando



ao campo de Buchenwald. O motorista que nos levou até o trem me sussurrou: ‘Sinto muito ter ajudado na sua expulsão do Gueto. O Bomba Glickman fez questão que tudo fosse feito sem demora.’ Levei um choque. Não acreditava que Glickman ousasse chegar a tanto.

“Ao chegarmos em Buchenwald, minha esposa foi levada para a ala feminina. Para minha alegria, não me separaram de Lulik. Nós dois fomos para os barracões. Os adultos participavam de trabalhos forçados, enquanto as crianças ficavam o dia inteiro sem fazer nada. Sabendo o que isso significava, recomendei a Lulik que se comportasse.

“Um dia, Lulik me avisou que alguns habitantes do gueto chegaram num trem. Eles traziam notícias terríveis: um dia depois de termos sido expulsos, forças alemãs destruíram totalmente o gueto. Havia poucos sobreviventes.

“A segunda má notícia era que Bomba Glickman viera no mesmo trem. Quando o Bomba chegava, o sofrimento também chegava. De fato, no momento que o Bomba chegou, não perguntem como ou por quê, foi nomeado ‘capo’ dos nossos barracões. Pelo jeito, ele tinha nascido judeu por engano.

“Um dia, correu a notícia de que os alemães estavam recolhendo as crianças. Corri para o meu barracão, mas já era tarde demais. Os alemães já tinham levado todas elas, e seu destino era óbvio, pelo terrível odor de queimado que se alastrou pelo campo.

“Sentei-me e chorei, sem vontade de viver. Meu querido Lulik fora morto. E tudo por culpa do Bomba. Eu o odiava mais do que aos alemães, pois ele traíra seu povo. Ele era o responsável por todo o meu sofrimento.

“Enquanto chorava, uma pequena pedrinha caiu ao meu lado. Depois, mais uma pedrinha. Até que um mon-

tinho de serragem caiu na minha cabeça. Então olhei para cima. Lulik estava escondido no telhado. Não pude vê-lo, mas consegui ouvi-lo. Daquele dia em diante, Lulik começou a sair do campo à noite. Ele pulava de teto em teto, visitando até as moradias dos generais. Passou a trazer-me comida, peças pontiagudas e bilhetes, onde escrevia tudo o que estava acontecendo no acampamento.

“Lulik já sabia o que milhões de judeus na Europa ainda não sabiam: ‘Papai, os alemães vão escravizá-los até o final de suas forças e depois os exterminarão nas câmaras de gás. Vale a pena tentar fugir!’

“Bomba Glickman continuava a dominar-nos, sempre fingindo se preocupar conosco. Mas nós sabíamos muito bem que ele só estava tentando nos conquistar com sua língua bajuladora.

“Lulik me pediu os nomes dos piores nazistas, aqueles que nos martirizavam durante o trabalho. Dei a ele o nome de Mark Wachten, um animal. Alguns dias depois, Wachten sumiu. Somente depois de vários dias de buscas, encontraram-no enforcado no teto de sua própria barraca.

“Os alemães decidiram fazer uma execução em massa, mas o Judenrat, encabeçado por Bomba, conseguiu convencê-los de que se tratava de algum acerto de contas particular entre um general qualquer e Wachten. Muitos ficaram impressionados com a atitude do Bomba. Mas nós, provenientes de Varsóvia, que conhecíamos muito bem aquele homem e sua astúcia, não nos deixamos enganar. Sabíamos que ele queria simplesmente salvar sua própria pele.

“Entrementes, o boato do menino que rondava os telhados espalhou-se pelas outras barracas. Certo dia, no meio do trabalho, deparei-me com Bomba Glickman. Quando ele começou

a falar, percebi que eu estava em uma enrascada: ‘Seu filho Lulik já nos deu muita dor de cabeça no gueto. Nós sabemos que ele está por aqui. Aconselho-o a tomar cuidado.’ Respondi ousadamente: ‘Não sei onde está Lulik. Mas por que você está me aconselhando a tomar cuidado? Afinal, você é o responsável pelo desaparecimento de Lulik, e vai me pagar por isso quando chegar o dia. Agora, saia do meu caminho, homem sanguinário, Haman *Harashá!*’

“Por um momento, o Bomba pareceu vacilar, pálido. Depois disse: ‘De qualquer forma, você foi avisado!’

“Ele não esperou muito. Na manhã seguinte, Bomba Glickman, junto com alguns soldados nazistas, invadiu nossa barraca e encontrou Lulik dormindo dentro do telhado. Era a primeira vez que eu via meu filho, depois de dois meses. Lulik correu, abraçou-me e sussurrou: ‘Amanhã levarão vocês para as câmaras de gás. Fugam hoje à noite. Peguem todas as armas que puderem do arsenal central – são somente dois guardas, que podem ser dominados facilmente. Fique com essa tesoura’, Lulik empurrou para dentro de minha blusa uma enorme tesoura, ‘com a qual poderá cortar o arame farpado. Ela é isolada. Você não levará choque. Fique em paz, querido papai, te am...’

“Bomba tomou-o de mim violentamente e arrastou-o para fora. Lulik ainda pôde me lançar uma de suas caretas que faziam o gueto todo rir. Depois disso, nunca mais o vi.

“Os homens de minha barraca ficaram tão desanimados com os últimos acontecimentos, que somente mais quatro concordaram em participar do plano de fuga. À noite, fomos ao barraco de armas. Meu amigo, um gigante chamado Marcelo, asfixiou os dois alemães que cuidavam da porta. Depois de pegarmos algumas armas, fomos cortar o arame farpado. As faís-

cas, porém, chamaram a atenção dos sentinelas, que abriram fogo de todos os lados. Começamos a correr para a floresta. Marcelo sumiu de repente e achamos que ele fora atingido. Um dos alemães movia a metralhadora para todos os lados, de forma que não podíamos avançar. De repente a metralhadora silenciou. Virei-me e vi o alemão caído sobre ela. Corremos para a área livre. A metralhadora recomeçou a funcionar, mas desta vez direcionada para as outras posições de tiro, o que nos deu bastante espaço livre. Mesmo no escuro e entre toda a fumaça, olhei para o homem que atirava por nós e vi o enorme corpo de Marcelo. Corremos para a floresta e conseguimos escapar.

“Com o término da guerra, resolvi ir para Israel. Subi em um navio ilegal e qual não foi meu terror ao avistar o terrível assassino Bomba Glickman, sem um braço, perambulando pelo convés? Sem pensar duas vezes, pulei ao mar e nadei de volta para a Polônia. Minha esposa, que já estava em Israel, voltou à Polônia.

“Depois de três anos, encontrei novamente aquele anjo da morte – Bomba Glickman voltara à Polônia. Resolvi segui-lo. Ele parecia desconfiado de alguma coisa. Parou em frente a um edifício, olhou para os lados e entrou. Era lá que ficavam os escritórios do Joint. Depois que o Bomba saiu, entrei e perguntei o que Bomba Glickman estava fazendo lá. O secretário não conhecia aquele nome. Então expliquei que tratava-se do homem sem um braço. ‘Ah, você está se referindo ao Vingador?’ perguntou-me. ‘Não posso falar muito, mas ele é do Shin Bêt israelense. Está aqui em missão secreta para exterminar criminosos de guerra nazistas e poloneses...’

“Pare com isso!’, interrompi-o com raiva. ‘Esse homem foi um capo! Ele causou a morte de muitos judeus. Ele é quem deveria ser morto!’ O secretário



não quis acreditar, mas garantiu-me que falaria com seus superiores.

“Voltei para casa apreensivo. Cinco horas mais tarde, alguns homens mascarados arrombaram a porta, puseram um revólver em minha cabeça e deixaram bem claro que, se eu abrisse a boca em relação ao Bomba, o braço comprido do Shin Bêt me alcançaria em qualquer lugar.

“Eles me convenceram de forma tão veemente que, em quarenta e oito horas eu já tinha vendido todos os meus bens. Registrei-me na Sochnut sob o falso nome Moshê Brand (em vez de Fraind). Junto com minha esposa, viajei para Israel, para sumir dos olhos do traidor Bomba e para calar-me para sempre. Encontrei o local adequado para aqueles que querem se calar: o cemitério. Desde então, tornei-me coqueiro. Depois de alguns anos, tivemos um filho, a quem dei um nome que não combina com minha profissão, tampouco com o meu passado: Chayim.

“Vivemos tranquilamente por muito tempo. Até que, há cinco anos atrás, caiu em minhas mãos um pedaço de jornal. Ele contava a história do ‘Vingador’, um dos comandantes do levan-

te do Gueto de Varsóvia, que depois da guerra fez parte do serviço secreto israelense. A foto não me deixou dúvidas. Apesar de ler o nome Binyamin Bar-Tov, reconheci-o imediatamente como Bomba Glickman. No entanto, decidi levar meu terrível segredo comigo ao túmulo, confiando meu juramento de vingança ao Todo-Poderoso.

“Há um mês atrás, meu filho me avisou que ele era compatível para doar sua medula óssea. Contento, perguntei quem era o doente. Ele respondeu-me: ‘Yisrael Bar-Tov’. Ao ouvir isso, comecei a tremer. Logo fiquei sabendo que tratava-se do filho único do Bomba, assassino do meu querido Lulik.

“Vocês podem perguntar: ‘Por que um filho deve pagar pelos pecados do pai?’ Mas vocês não viram o que eu vi. Vocês não imaginam quão grande é o ódio que sinto por esse homem, e o quanto eu quero que seu nome seja apagado da face da Terra.”

O silêncio pairou no ar. Ninguém ousou abrir a boca por algum tempo, à exceção dos soluços de Chayim Brand e sua família. Eles acabaram de descobrir uma terrível história de morte, dor, ódio e vingança.



Finalmente o rabino cortou o silêncio: “*Reb* Moshê, nós não o culpamos pelos seus sentimentos, mas somos judeus que confiam no Todo-Poderoso. Você mesmo disse que deixaria a vingança nas mãos de D’us. Então, por que voltar atrás, agora? Por favor, deixe seu filho salvar uma vida!”

*Reb* Moshê desmoronou. Ele tremia de tanto chorar e disse: “Pois faça como quiser! Meu filho, em cujas veias corre o meu sangue, salvará o filho do assassino do meu querido Lulik!... Vá agora e cumpra a *mitsvá*. Que minha vingança fique nas mãos de D’us!”

Chayim Brand, *Reb* Moshê e Azaryáhu foram para o hospital. Azaryáhu foi avisar Yisrael Bar-Tov que o doador se convencera e que já estava doando sua medula óssea.

A cirurgia de doação levou três horas. Chayim saiu do quarto, acompanhado por seu pai, curvo e alquebrado. Ao passarem pelo corredor, um homem de um só braço parou bem em frente a eles e barrou seu caminho. *Reb* Moshê gritou: “Socorro!” e desmaiou no mesmo instante. Azaryáhu, Chayim e o próprio Bomba ajudaram a socorrer *Reb* Moshê. Quando ele se recuperou e viu o Bomba ao lado de seu filho, gritou: “Deixe meu filho! Você não está satisfeito de ter matado um filho meu?!”

O hospital pareceu parar. Todos se viraram para o Bomba – enfermeiras, médicos, a família Bar-Tov, o rabino, Azaryáhu e Chayim Brand.

– O que você disse? – perguntou o Bomba. – Estava se referindo a mim?

– Sim, a você, seu capo assassino... Bomba explodiu de raiva:

– Tenha vergonha! Como fala assim comigo? Alguém que arriscou a vida nos campos de extermínio... um dos imediatos de Mordechai Anilevitch no levante do Gueto de Varsóvia! Alguém que trabalhou dezenas de anos para o serviço secreto, como ousa...

– E o Lulik?! – gritou *Reb* Moshê com uma voz que não era sua. – Você esqueceu do Lulik? – berrou, fazendo o hospital inteiro tremer.

O Bomba empalideceu. Gotas de suor brotaram em sua testa.

– De onde... como... você sabe... sobre o Lulik? – perguntou. Sem querer, demonstrou a todos que tinha algo a esconder.

*Reb* Moshê não se identificou.

– Eu sei – disse ele tremendo – que você era um dos cabeças do gueto. Depois você foi capo no campo de Buchenwald. Será que você desmente isso? Você nega ter expulsado Lulik e sua família do gueto e tê-los mandado para Buchenwald? Será que você nega que foi você quem...

*Reb* Moshê caiu nos braços de Azaryáhu sem conseguir dizer mais nenhuma palavra.

O Bomba estava suando frio.

– Peço a todos que se sentem – pediu, abaixando sua cabeça. – Todos aqueles que ouviram estas palavras devem escutar minha resposta.

Ninguém acreditava de fato que o Bomba conseguisse limpar seu nome.

– Eu era um dos líderes do gueto de Varsóvia – começou a contar. – Tentávamos de tudo para garantir o bem-estar e a segurança dos moradores. Paralelamente à administração do dia-a-dia do gueto, pensávamos na possibilidade de lutar contra os alemães. Para isso, começamos a juntar armas e a preparar combatentes. Aceitávamos pessoas a partir de treze anos de idade. Os treinos eram secretíssimos. Nem mesmo os pais daqueles jovens sabiam de alguma coisa. Até que chegou Lulik e mudou as regras. Ele descobriu o local onde treinávamos. Logo percebemos que aquele garoto de nove anos tinha caráter de líder. Acabamos integrando-o nos treinos. Todas as traquinagens que realizou foram feitas

sob meu comando. Eu temia que Lulik se ferisse. Como sabia que ele tentaria fazer suas “travessuras” de qualquer jeito, preferi ajudá-lo.

– Devido a alguns delatores, o nome de Lulik chegou até os alemães. Mandei avisar seus pais e tentei escondê-lo por algum tempo. Depois estourou a revolta, com Lulik desempenhando um importante papel. Então, descobri que os alemães estavam se preparando para destruir o gueto com todos os seus habitantes. Nós decidimos lutar até a última gota de sangue. Como eu adorava o Lulik, resolvi poupá-lo. Então, mandei sua família embora do gueto.

– No dia seguinte, a maioria dos moradores do gueto foram mortos. Lutei até saber que não havia mais razão para isso. Consegui fugir para outra cidade, e de lá fui deportado para Buchenwald.

– Graças ao meu corpo grande e forte, lá fui nomeado capo imediatamente. Resumindo a história, todos os judeus que estavam sob minha responsabilidade em Buchenwald sobreviveram. As únicas exceções foram cinco judeus que fugiram do campo. Um deles, Marcelo, foi morto na área aberta em frente ao campo. Não sei qual foi o destino dos outros quatro; talvez morreram na floresta.

– Você nos costurou uma bela história – disse *Reb* Moshê. – Só não contou um pequeno detalhe: sua visita ao barraco de Lulik, algumas horas antes daquela fuga. Você aprisionou-o e entregou-o aos alemães. Isso você não contou!

– Eu realmente o capturei – disse o Bomba. – Algumas horas antes daquela fuga, o comandante me avisou que o assassino de Mark Wachten era um garoto de dez anos chamado Lulik, e que ele estava escondido no teto do barracão número 11. Isso não era nenhuma novidade para mim, afinal,

fui eu quem ajudou o pequeno Lulik a puxar a corda que envolvia o pescoço de Wachten. Na verdade, eu sempre o ajudava a se vingar dos alemães, bem como a trazer comida para os judeus do acampamento.

– Ouvindo o general, fiz uma expressão assassina e disse-lhe que estava ofendido com o fato de os judeus terem me enganado daquela forma. Assim, consegui convencê-lo a deixar o caso nas minhas mãos. Acompanhado de dois oficiais, entrei no barraco com uma expressão ameaçadora, para que meus acompanhantes se convencessem de minha sinceridade, peguei o Lulik e levei-o para fora do campo. Lá, matei os dois oficiais e levei o Lulik para uma família polonesa que eu estava subornando havia meses.

– Ao voltar, contei ao comandante que o garoto já fora executado. Ele perguntou: “Onde estão os oficiais?”. Eu dei de ombros. Ele desconfiou de mim. Chamou minha esposa e torturou-a sem piedade, na minha frente, para que eu confessasse. Mas eu não confessei. Então o comandante nos liberou. Quando estava voltando às barracas, ouvi tiros e percebi os cinco fugitivos. Corri para a metralhadora que os estava impedindo de fugir, silencieei o alemão e atirei nas outras posições. Um punhado de balas atingiu meu braço, mas continuei a atirar até terminar com o último sentinela alemão. Depois, corri às barracas e organizei uma fuga pelo lado norte do campo. Todos fugiram comigo. Alguém obstruiu o sangue que jorrava do meu braço e caminhamos pela floresta. Somente dois dias depois, conseguimos um médico. Ele disse que o braço estava gangrenado e que seria preciso amputá-lo. Foi assim que perdi meu braço. Permanecemos nas florestas até o final da guerra. Depois, fui para Israel. Lá, encontrei minha querida esposa. Infelizmente,

depois de toda a tortura pela qual ela passara, não pudemos mais ter filhos... Quer dizer...

Bomba silenciou. Percebeu, tarde demais, que cometera um erro.

– Vejam que mentira! – gritou *Reb* Moshê. – Eu procurei o tempo todo algum fato para desmentir sua história, mas não encontrei. Mas agora sua boca o entregou. Se sua esposa não pode ter filhos, de onde apareceu seu maravilhoso filho que precisa de um transplante de medula óssea?

– Aaaahh... – todos suspiraram. A história estava tão emocionante, que era uma pena que fosse falsa.

Bomba olhou para os lados, para os seus netos casados que o observavam atônitos.

– Eu não queria que eles soubessem – disse. – Mas agora não tenho escolha. Depois da guerra, antes de ir para Israel, voltei à família polonesa e levei comigo o Lulik, que já era um rapaz. Chegamos a Israel e procuramos seu pai, Moshê Fraind, que era um dos cinco fugitivos do campo de Buchenwald, mas não o encontramos. Por esta razão, eu o adotei como filho. Ou seja, é o Yisrael, que está deitado no quarto ao lado.

– Lulik, meu filho, está vivo?!! – gritou *Reb* Moshê, caindo desmaiado.

O hospital nunca presenciara uma cena como aquela. Uma confusão de médicos, familiares e desmaiados...

– Agora eu entendo como é que os tecidos dos dois são compatíveis... – observou um dos médicos; o único que conservava certa frieza naquela situação.

Logo que recobrou os sentidos, *Reb* Moshê tentou entrar no quarto de seu filho Yisrael-Lulik.

– Agora não – disse um médico – o transplante está sendo feito neste momento. Todos correram para o grosso vidro que os separava do doente. *Reb*

Moshê, chorando, correu para ver seu filho primogênito que não via há cinquenta e dois anos.

O doente estava ligado a uma sonda de medula óssea que, com a ajuda de D’us, lhe manteria a vida. Todos observavam a maravilha: o sangue de um irmão para o outro, o sangue do pai para o filho e a vingança de sangue que foi evitada no último momento.

*Reb* Moshê olhou para o sangue de seu filho que corria para o corpo de seu outro filho, mas de repente se lembrou de algo. Olhou para os lados e encontrou o Bomba, cuja história lhe tirara as forças. Entreolharam-se, e *Reb* Moshê sussurrou:

– Perdoe-me por ter suspeitado de você... Perdoe-me por tê-lo odiado, por tê-lo amaldiçoado todos esses anos. Obrigado por ter salvo meu filho, por ter cuidado deste tesouro...

A voz de *Reb* Moshê se quebrou: – E pensar que quase impedi a cura do meu filho... Eu quis me intrometer nos feitos do Criador... Perdoe-me, meu Criador, perdoe-me, amigo... Perdoe-me meu filho... Pequei.

Todos derramaram lágrimas. Bomba abraçou o magro *Reb* Moshê, enquanto as fortes batidas do seu coração transmitiam seus sentimentos.

Dois meses depois, Yisrael-Lulik Fraind-Brand-Glickman-Bar-Tov voltou do hospital, são e salvo, para sua família: para seus pais adotivos, para seus pais biológicos e para seu irmão de pai e mãe, cujo sangue corria agora em suas veias. Ninguém mais do que eles conhecia os elevados caminhos de D’us, a pequenez do homem frente ao Criador e a lição de moral absoluta: que toda a Terra pertence a D’us, e que o homem não deve tentar intrometer-se na História da Criação.

**Tradução de Guila Koschland Wajnryt.**

**Permissão exclusiva para a Nascente.**



**P A L A V R A S**  
**C R U Z A D A S**



**Um dos maiores sábios da nossa geração. Rav Yossef Shalom (?) Shelita**

				Um dos meses judaicos Vermelho (hebraico)	Órgão que filtra o sangue	Símbolo de urânio 5º maior país do mundo	
							Corajoso
				Símbolo de volt-ampère Abreviatura de tempo			Livrar (inglês)
Bom (hebraico) Esquilo (hebraico)							Povo descendente de lot
					Isolado Porém		
				3ª pessoa do verbo ver no presente do indicativo			Símbolo de oxigénio Dentro (inglês)
					Não (hebraico) Lata (inglês)		
						Usa-se para levar roupas Arreios de cavalo	
Um dos filhos de Yaacov				Sogro de Yaacov Banhar	Atmosfera Capital da Venezuela		
				5 em algarismos romanos Usado para fechar e selar			
				Sobrinho de Avraham Erva alimentar			
				Dia (hebraico) Habitação precária			
Um dos dez espíões Parashá da Torá					Parashá da Torá Uma nota musical		Relativo ao ar Pai de Shet
					Frio (inglês) Avô (hebraico)	Órgão principal do voo	
					Símbolo de enxofre O que em hebraico		Símbolo de dia Símbolo de carbono
					Cloreto de sódio Mãe (hebraico)	Lar; família. Abreviatura de leste	
					6ª letra do alfabeto hebraico		Símbolo de massa Outro nome de Yiscá

# Pirâmide

Faça a pirâmide ficar de ponta cabeça movendo apenas 3 moedas!



# Equação

Acrescente um traço para corrigir a equação abaixo, sem alterar o sinal de igualdade:

$$5+5+5=550$$

$$5+5+5=550$$

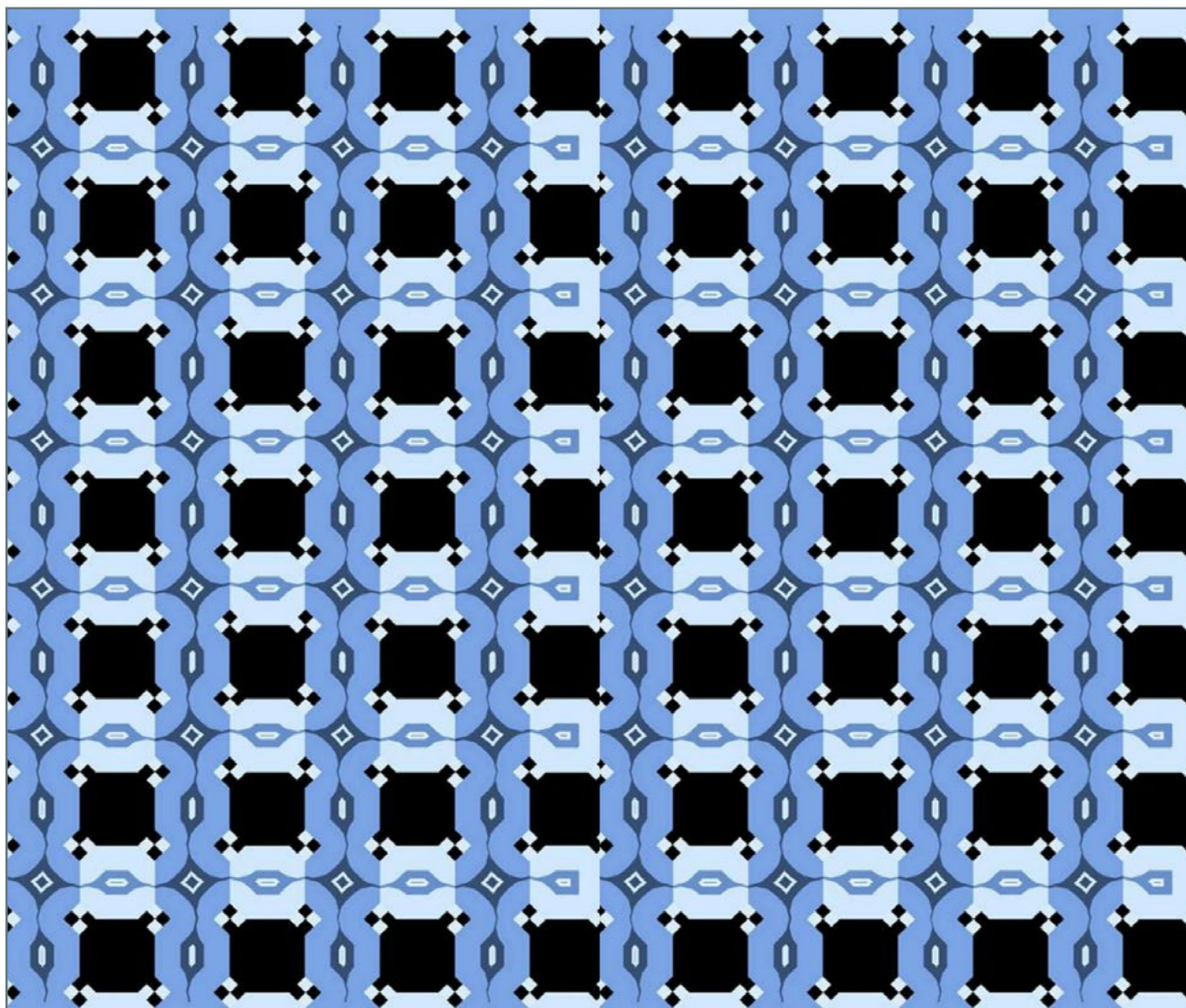


Respostas:



# ILUSÃO DE ÓPTICA

Observe a imagem abaixo com atenção.  
As linhas verticais azuis são paralelas ou elas vão se encontrar em algum momento?



Resposta: As linhas são paralelas.

A crossword puzzle grid with a portrait of a man in the top right corner. The grid contains the following words:

V	A	S	T	M	T	L	E	V	A	N	E	S	T	O	V
A	M	H	S	C	O	L	L	A	A	A	V	A	N	O	A
V	I	S	A	S	A	L	E	C	L	A	L	A	C	M	A
A	L	S	O	A	B	A	R	A	L	A	L	A	C	M	A
A	R	R	A	R	A	V	A	B	A	L	A	L	A	C	M
A	A	C	A	A	R	E	A	C	R	E	L	A	C	M	A
S	A	C	A	A	S	A	A	R	E	L	A	L	A	C	M
A	S	A	A	S	A	A	A	R	E	L	A	L	A	C	M
M	A	D	A	A	A	A	A	R	E	L	A	L	A	C	M

# Alguns Cuidados com as Bênçãos

## O Procedimento Adequado com as Bênçãos

Rabino I. Dichi

### Quando alguém pronunciou uma *berachá* em vão

Quando alguém pronunciou uma bênção em vão ou disse o nome de D'us em vão, deve recitar "*Baruch Shem Kevod Malchutô leolam vaed*".

Quando alguém iniciar uma bênção e ao dizer *Ad\*nay* de *Baruch Até Ad\*nay* perceber que sua *berachá* é desnecessária, deverá imediatamente concluir com "*lamedêni chukêcha*" que é o versículo 12 do capítulo 119 do *Tehilim*.

Se perceber que a *berachá* é desnecessária após ter iniciado a palavra *El\*hê*, porém ainda não tenha dito a última sílaba "*nu*", deverá concluir com o versículo "*Yisrael Avinu meolam vead olam*", que é um versículo do *Divrê Hayamim Alef*, capítulo 29, versículo 10. Mas como o início desse versículo é "*Vayvárech David*" e depois continua com "*Baruch Até...*", deverá recitar em seguida também "*Baruch Shem kevod malchutô leolam vaed*".

### Quando se louva o Criador a boca deve estar vazia

Quando proferimos uma *berachá*, a boca deve estar vazia, sem nenhum alimento. Por exemplo, quando come-

çamos a comer algum alimento e depois queremos comer outro que tem outra *berachá*, devemos primeiramente terminar o que temos na boca para depois recitar a outra *berachá*. Isso nos foi ensinado pelos nossos sábios por intermédio do versículo "*Yimalê fi tehilatecha*" – Que minha boca se encha de Teu louvor. Quando se louva o Criador a boca deve estar vazia, para que somente o louvor a preencha.

As pessoas que costumam mascar chiclete, devem tirar o chiclete da boca para recitarem as *berachot* ou para fazerem *tefilá*, pelo mesmo motivo acima citado.

### Responder amen

É permitido responder *amen* quando tiver comida na boca.

### Esqueceu de fazer a *berachá* anterior

Quando alguém introduzir algum líquido em sua boca e o engolir sem ter feito a *berachá* anterior e perceber que tomou *shiur* de *reviit* (86ml), deverá fazer a *berachá* posterior – mesmo que não tenha recitado a *berachá* anterior. Nessa circunstância, é preferível lançar o

líquido para fora da boca, no caso de ter se lembrado antes de engoli-lo; porém somente se ainda tiver o que beber.

É evidente que se quiser continuar a beber, deverá recitar a *berachá* sobre o restante.

Quando se trata de sólidos, se for uma espécie de comida, que ao tirá-la da boca ela não se torna repugnante (como uma bala, por exemplo), deve-se tirá-la da boca e recitar a *berachá* esquecida. Se for um alimento que ao tirá-lo da boca se torna repugnante, deve-se deslocá-lo para um canto da boca e recitar a *berachá* correspondente.

### Comportamento adequado

Durante o proferimento da *berachá*, não devemos nos ocupar com outra coisa, por mais insignificante que seja. E o mesmo se aplica durante o período que estivermos cumprindo alguma *mitsvá*. O motivo dessa *halachá* é que aplicando nossa atenção a outras coisas no momento da bênção ou da *mitsvá*, demonstramos com isso que a ocupação com a *berachá* e com a *mitsvá* é apenas passageira e casual.

Do livro "Veten Berachá"



## **ROSH CHÔDESH**

**Sexta-feira, 2 de agosto.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

## **JEJUM - TISH'Á BEAV**

**Domingo, dia 11 de agosto.**

Início: Sábado, às 17h48m.

Término: Domingo, às 18h18m.

Nove de Av é o aniversário de 5 trágicos acontecimentos da história judaica:

- D'us decretou que os homens com mais de 20 e menos de 60 anos de idade não entrariam na Terra Prometida. Isso foi consequência de terem pecado no episódio dos espíões enviados à Terra de Israel no final do primeiro ano no deserto, após o Êxodo do Egito. Em vez de entrarem na Terra de Israel depois de um ano no deserto, levariam 40 anos. Nestes quarenta anos no deserto, todos os homens com mais de 20 e menos de 60 anos na oportunidade do pecado morreriam. As mortes ocorreriam somente em um dia a cada ano – no dia 9 de av.

- Foram destruídos os dois Templos Sagrados. O Primeiro Templo foi destruído pelos babilônios e o Segundo, pelos romanos.

- No ano de 134 da Era Comum, quando o Império Romano estava sob o domínio de Adriano, a grande cidade de Betar sucumbiu, último reduto de Bar Cochvá, e morreram dezenas de milhares de pessoas.

Esta tragédia foi considerada igual à destruição do Templo.

- Tornus Rufus, o Malvado, passou o arado no local e ao redor do Templo, cumprindo assim a profecia (Yirmeyáhu 26:18 e Michá 3:12): "Tsiyon será lavrada como um campo".

## **TU BEAV**

**Sexta-feira, 16 de agosto.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

## **BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA**

Início (conforme costume sefardi):

Noite de quarta-feira, dia 7 de agosto, a partir da 23h22m  
(horário para São Paulo).

Final: Madrugada de quinta-feira, 15 de agosto, até às 5h24m  
(horário para São Paulo).

Reserve  
o seu espaço na edição de  
**Rosh Hashaná**

# NASCENTE

Informações: (11)3822-1416  
revista\_nascente@hotmail.com

Atualize seu e-mail para  
receber os informativos da  
**Congregação Mekor Haim**

Envie uma mensagem para:  
revista\_nascente@hotmail.com

A confiabilidade dos  
anúncios desta publicação  
é de inteira responsabilidade  
dos anunciantes, não  
cabendo responsabilidade à  
diretoria da Congregação  
ou a seus associados.

# NASCENTE

## ROSH CHÔDESH

**Sábado e Domingo, dias 31 de agosto e 1º de setembro.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

## SELICHOT – PRIMEIRO DIA

**Sefaradim: Segunda-feira, 2 de setembro.**

Ashkenazim: domingo, 22 de setembro (no primeiro dia, costumam recitar selichot a partir de chatsot, o meio da noite de sábado).

## BIRCAT HALEVANÁ

### PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Sexta-feira, 6 de setembro, a partir de 18h27m (horário para São Paulo).

Final: Manhã de sábado, dia 14 de setembro, até as 4h57m (horário para São Paulo).

# Daf Hayomi

The screenshot shows the 'Daf Hayomi' website interface. At the top left, it says 'DAF HAYOMI >> NEDARIM'. Below this is a video player showing a man in a white shirt and tie, likely the teacher, with the text 'Nedarim 14' and 'NASCENTE' visible. To the right of the video is a list of lessons under the heading 'NEDARIM'. The list includes lesson numbers, dates, and durations. Below the list is a section with Hebrew text, including the title 'ואלו מותרין פרק שני נדרים ר'א' and a 'Fechar' button.

Nedarim	Data	Duração
Nedarim 2	26/mai/15	31m21s
Nedarim 3	27/mai/15	30m49s
Nedarim 4	28/mai/15	41m52s
Nedarim 5	29/mai/15	33m26s
Nedarim 6	30/mai/15	11m18s
Nedarim 7	31/mai/15	33m23s
Nedarim 8	01/jun/15	28m19s
Nedarim 9	02/jun/15	20m42s
Nedarim 10	03/jun/15	23m20s
Nedarim 11	04/jun/15	34m49s
Nedarim 12	05/jun/15	43m52s
Nedarim 13	06/jun/15	1 km 10s

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no

Portal Judaico Brasileiro

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

Mais de 2.500 aulas

publicadas!



## HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

16 de agosto	-	17h30m	27 de setembro	-	17h44m
23 de agosto	-	17h33m	29 de setembro	-	17h45m
30 de agosto	-	17h35m	30 de setembro	-	a partir de 18h45m
06 de setembro	-	17h37m	04 de outubro	-	17h47m
13 de setembro	-	17h39m	08 de outubro	-	17h48m
20 de setembro	-	17h42m	11 de outubro	-	17h49m

## PARASHAT HASHAVUA

17 de agosto	-	Parashat: Vaetchanan Haftará: Nachamu Nachamu
24 de agosto	-	Parashat: Êkev Haftará: Vatômer Tisyon
31 de agosto	-	Parashat: Reê Haftará: Aniyá Soará Lô Nuchama (sefaradim)
07 de setembro	-	Parashat: Shofetim Haftará: Anochi Anochi Hu Menachemchem
14 de setembro	-	Parashat: Ki Tetsê Haftará: Roni Acará
21 de setembro	-	Parashat: Ki Tavô Haftará: Cúmi Ôri
28 de setembro	-	Parashat: Nitsavim Haftará: Sôs Assis Bashom
05 de outubro	-	Parashat: Vayêlech Haftará: Shuva Yisrael
12 de outubro	-	Parashat: Haazínu Haftará: Vaydaber David Lashem

## HORÁRIO DAS TEFILOT

- Shachrit** - De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).  
Aos sábado - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infante-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).  
Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.
- Minchá** - De domingo a quinta - 15min. antes do pôr do sol.
- Arvit** - De domingo a quinta - 10 min. após o pôr-do-sol, 19h00m e 20h00m (de segunda a quinta).

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT	
16 de agosto	- 17h30m	17 de agosto	- 17h05m
23 de agosto	- 17h33m	24 de agosto	- 17h05m
30 de agosto	- 17h35m	31 de agosto	- 17h10m
06 de setembro	- 17h37m	07 de setembro	- 17h10m
13 de setembro	- 17h39m	14 de setembro	- 17h15m
20 de setembro	- 17h42m	21 de setembro	- 17h15m
27 de setembro	- 17h44m	28 de setembro	- 17h15m
04 de outubro	- 17h47m	05 de outubro	- 17h20m
11 de outubro	- 17h49m	12 de outubro	- 17h25m
18 de outubro	- 17h52m	19 de outubro	- 17h25m

# TABELA DE HORÁRIOS

## AV / ELUL 5779

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset	
Agosto	2	5:32	5:51	6:41	8:41	8:53	9:27	9:44	10:22	12:12	12:42	12:54	13:08	16:35	16:50	17:44
	3	5:31	5:51	6:41	8:41	8:52	9:27	9:44	10:22	12:13	12:43	12:54	13:08	16:36	16:51	17:45
	4	5:31	5:50	6:40	8:41	8:52	9:26	9:44	10:22	12:12	12:42	12:54	13:08	16:36	16:51	17:45
	5	5:30	5:50	6:40	8:40	8:52	9:26	9:44	10:22	12:13	12:43	12:54	13:08	16:37	16:52	17:46
	6	5:30	5:49	6:39	8:40	8:52	9:26	9:44	10:21	12:12	12:42	12:54	13:08	16:37	16:52	17:46
	7	5:29	5:48	6:38	8:40	8:51	9:25	9:43	10:21	12:12	12:42	12:54	13:08	16:36	16:52	17:46
	8	5:29	5:48	6:38	8:40	8:52	9:25	9:43	10:21	12:12	12:42	12:54	13:08	16:37	16:53	17:47
	9	5:28	5:47	6:37	8:39	8:51	9:24	9:43	10:20	12:12	12:42	12:54	13:08	16:37	16:52	17:47
	10	5:27	5:46	6:36	8:38	8:50	9:24	9:42	10:20	12:12	12:42	12:54	13:08	16:38	16:53	17:48
	11	5:27	5:46	6:36	8:38	8:50	9:24	9:42	10:20	12:12	12:42	12:54	13:08	16:38	16:53	17:48
	12	5:26	5:45	6:35	8:38	8:50	9:23	9:42	10:19	12:12	12:42	12:53	13:08	16:38	16:53	17:48
	13	5:25	5:44	6:34	8:37	8:49	9:23	9:41	10:19	12:12	12:42	12:54	13:08	16:39	16:54	17:49
	14	5:25	5:43	6:33	8:37	8:49	9:22	9:41	10:18	12:11	12:41	12:54	13:07	16:39	16:54	17:49
	15	5:24	5:43	6:33	8:37	8:48	9:22	9:41	10:19	12:12	12:42	12:54	13:08	16:39	16:55	17:50
	16	5:23	5:42	6:32	8:36	8:48	9:22	9:40	10:18	12:11	12:41	12:53	13:08	16:39	16:55	17:50
	17	5:23	5:41	6:31	8:36	8:48	9:21	9:40	10:17	12:10	12:40	12:53	13:07	16:39	16:55	17:50
	18	5:22	5:40	6:30	8:36	8:47	9:20	9:40	10:17	12:10	12:40	12:54	13:07	16:40	16:55	17:51
	19	5:21	5:39	6:29	8:35	8:46	9:20	9:39	10:16	12:10	12:40	12:53	13:07	16:40	16:55	17:51
	20	5:20	5:39	6:29	8:34	8:46	9:20	9:39	10:16	12:10	12:40	12:53	13:07	16:40	16:55	17:51
	21	5:20	5:38	6:28	8:34	8:46	9:19	9:39	10:16	12:10	12:40	12:53	13:07	16:41	16:56	17:52
	22	5:19	5:37	6:27	8:34	8:45	9:18	9:38	10:15	12:10	12:40	12:53	13:07	16:41	16:56	17:52
	23	5:18	5:36	6:26	8:33	8:45	9:18	9:38	10:15	12:10	12:40	12:53	13:07	16:41	16:57	17:53
	24	5:17	5:35	6:25	8:32	8:44	9:17	9:37	10:14	12:09	12:39	12:53	13:06	16:41	16:57	17:53
	25	5:16	5:34	6:24	8:32	8:43	9:16	9:37	10:14	12:08	12:38	12:52	13:06	16:41	16:57	17:53
	26	5:15	5:33	6:23	8:31	8:43	9:16	9:36	10:13	12:08	12:38	12:52	13:06	16:42	16:57	17:54
	27	5:15	5:33	6:23	8:31	8:43	9:16	9:36	10:13	12:08	12:38	12:52	13:06	16:42	16:57	17:54
	28	5:14	5:32	6:22	8:30	8:42	9:15	9:36	10:13	12:08	12:38	12:52	13:06	16:42	16:57	17:54
	29	5:13	5:31	6:21	8:30	8:42	9:14	9:35	10:12	12:08	12:38	12:52	13:06	16:43	16:58	17:55
	30	5:12	5:30	6:20	8:29	8:41	9:14	9:35	10:12	12:08	12:38	12:52	13:05	16:43	16:58	17:55
	31	5:11	5:29	6:19	8:28	8:40	9:13	9:34	10:11	12:07	12:37	12:51	13:05	16:42	16:58	17:55
	Setembro	1	5:10	5:28	6:18	8:28	8:40	9:12	9:34	10:11	12:07	12:37	12:51	13:05	16:43	16:59
2		5:09	5:27	6:17	8:27	8:39	9:12	9:33	10:10	12:06	12:36	12:51	13:05	16:43	16:58	17:56
3		5:08	5:26	6:16	8:26	8:38	9:11	9:32	10:09	12:06	12:36	12:51	13:04	16:43	16:58	17:56
4		5:07	5:25	6:15	8:26	8:38	9:10	9:32	10:09	12:06	12:36	12:51	13:04	16:44	16:59	17:57
5		5:06	5:24	6:14	8:25	8:37	9:10	9:31	10:08	12:06	12:36	12:50	13:04	16:44	16:59	17:57
6		5:05	5:23	6:13	8:24	8:36	9:09	9:31	10:08	12:05	12:35	12:50	13:04	16:44	16:59	17:57
7		5:04	5:22	6:12	8:24	8:36	9:08	9:30	10:07	12:05	12:35	12:50	13:04	16:44	17:00	17:58
8		5:03	5:21	6:11	8:23	8:35	9:08	9:30	10:07	12:04	12:34	12:50	13:03	16:44	17:00	17:58
9		5:02	5:20	6:10	8:22	8:34	9:07	9:29	10:06	12:04	12:34	12:49	13:03	16:44	17:00	17:58
10		5:01	5:19	6:09	8:22	8:34	9:06	9:29	10:06	12:04	12:34	12:49	13:03	16:45	17:00	17:59
11		5:00	5:18	6:08	8:21	8:33	9:06	9:28	10:05	12:04	12:34	12:49	13:03	16:45	17:00	17:59
12		4:59	5:17	6:07	8:20	8:32	9:05	9:27	10:04	12:03	12:33	12:49	13:02	16:45	17:00	17:59
13		4:58	5:16	6:06	8:20	8:31	9:04	9:27	10:04	12:02	12:32	12:48	13:02	16:45	17:00	17:59
14		4:57	5:15	6:05	8:19	8:31	9:04	9:26	10:03	12:02	12:32	12:48	13:02	16:46	17:01	18:00
15		4:56	5:14	6:04	8:18	8:30	9:03	9:26	10:03	12:02	12:32	12:48	13:02	16:45	17:01	18:00
16		4:55	5:13	6:03	8:18	8:29	9:02	9:25	10:02	12:02	12:32	12:48	13:01	16:45	17:01	18:00
17		4:54	5:12	6:02	8:17	8:29	9:02	9:25	10:02	12:02	12:32	12:48	13:01	16:46	17:01	18:01
18		4:53	5:11	6:01	8:16	8:28	9:01	9:24	10:01	12:01	12:31	12:47	13:01	16:46	17:01	18:01
19		4:52	5:10	6:00	8:16	8:27	9:00	9:23	10:00	12:00	12:31	12:47	13:01	16:46	17:01	18:01
20		4:51	5:09	5:59	8:15	8:27	9:00	9:23	10:00	12:00	12:31	12:47	13:01	16:47	17:02	18:02
21		4:50	5:08	5:58	8:14	8:26	8:59	9:22	9:59	12:00	12:30	12:47	13:00	16:47	17:02	18:02
22		4:49	5:07	5:57	8:14	8:25	8:58	9:22	9:59	12:00	12:30	12:46	13:00	16:46	17:02	18:02
23		4:48	5:06	5:56	8:13	8:25	8:58	9:21	9:58	12:00	12:30	12:46	13:00	16:47	17:03	18:03
24		4:46	5:05	5:55	8:12	8:23	8:57	9:20	9:58	11:59	12:29	12:46	13:00	16:47	17:02	18:03
25		4:45	5:03	5:53	8:11	8:22	8:56	9:19	9:56	11:58	12:28	12:45	12:59	16:47	17:02	18:03
26		4:44	5:02	5:52	8:10	8:22	8:55	9:19	9:56	11:58	12:28	12:45	12:59	16:48	17:03	18:04
27		4:43	5:01	5:51	8:10	8:21	8:54	9:18	9:55	11:58	12:28	12:45	12:59	16:48	17:03	18:04
28		4:42	5:00	5:50	8:09	8:20	8:54	9:18	9:55	11:57	12:28	12:44	12:58	16:48	17:03	18:04
29		4:41	4:59	5:49	8:08	8:20	8:53	9:17	9:54	11:57	12:28	12:45	12:58	16:48	17:04	18:05





## “Medo da Noite”

CHAYIM WALDER

Meu nome é Rivki.

Tenho oito anos e estudo na terceira série. Sou considerada uma aluna muito boa em minha classe. Ajudo minha mãe com as tarefas domésticas e também cuidando de meus irmãos menores. Preparo as lições, brinco muito e me divirto bastante!

Meu problema sempre foi com as noites. Toda noite, depois de colocar meus irmãos para deitar e de lavar a louça, entrava hesitante em meu quarto. Então, devagarinho, ia entrando um medo em meu coração. Não sei o que eu temia – talvez a escuridão, talvez o silêncio da noite. Simplesmente tinha medo. Eu fechava os olhos e tentava adormecer – em vão. Fechava bem todas as persianas – mas o medo continuava comigo dentro do quarto.

Este medo fazia com que eu não conseguisse adormecer em minha cama. Por isso,

sempre ia ao quarto de minha mãe e pedia que me desse um lugarzinho em sua cama.

Toda noite eu decidia novamente: "Esta noite não terei medo". E então ficava esperando e esperando... sem adormecer. Quando finalmente conseguia adormecer em minha cama, sonhava com coisas estranhas e medonhas. Acordava no meio da noite suada e corria para a cama de mamãe.

Depois as coisas foram piorando. Por exemplo: cada pequeno ruído se transformava, em minha mente, em um ladrão. Certa vez eu estava prestando a atenção no silêncio da rua e, de repente, ouvi um som que me deixou muito amedrontada. Corri para a cama de papai. Ele me acalmou e me levou até o terraço. Vimos que o barulho tinha sido feito por um gato ao brincar com uma lata de refrigerante... Papai me explicou que não havia lógica em meus medos noturnos, que a noite não é nada medonha. É um período calmo e silencioso propício para o descanso.

Mas para mim não adiantou. Os medos cresceram mais ainda. Mesmo quando não sonhava com ladrões, temia personagens imaginários e misteriosos que poderiam entrar no quarto a qualquer instante.

Assim foi, até que, numa noite, acordei assustadíssima. Papai e mamãe me levaram até seu quarto, acariciaram-me e me acalmaram. Papai perguntou-me, sussurrando:

- O que aconteceu, Rivki? Conte-me, querida.

- Vi um vulto enorme, com um focinho, aproximando-se de mim - disse chorando.

Papai olhou-me com uma expressão séria e disse:

- Descreva-me como era a figura - Papai pediu.

Descrevi-lhe detalhadamente o rosto da figura que me assustara tanto.

Papai disse sereno:

- Vamos juntos para o quarto, querida. Vamos procurá-la.

Chegamos juntos no meu quarto. Papai acendeu a luz e, obviamente, não havia nem sombra do monstro. Era simplesmente minha imaginação.

Depois da "busca", papai olhou para mim e disse:

- Venha dormir com a mamãe. Amanhã pensaremos juntos no que fazer.

De manhã, sentamos na sala - papai, mamãe e eu. Começamos a pensar no que fazer. Todos nós concordamos que meus medos eram ridículos. Mas, de qualquer maneira, eu tinha medo todas as noites...

Papai e mamãe disseram que me compreendiam. Mas explicaram também que eu não podia me acostumar a dormir sempre na cama da mamãe.



- Você já tem oito anos - disseram-me. Não queremos que você se torne uma menina estranha e insegura.

- Talvez haja uma solução - disse-me mamãe. Toda vez que você tiver medo, venha até nós como sempre. No entanto, em vez de você ficar dormindo comigo, eu irei com você para seu quarto e sentarei numa cadeira, até que você adormeça.

A idéia pareceu-me muito boa! Eu também não queria parecer um bebê, que dorme todos os dias com a mamãe.

A partir daquele dia, passamos a executar nosso plano. Toda vez que eu tinha medo, chamava minha mãe. Ela se sentava ao meu lado e me acalmava. Às vezes dava-me um livro para ler, com a luz acesa, até que eu me cansava e adormecia. Uma vez, minha mãe achou que eu já tinha adormecido. Ela me beijou na testa, apagou a luz e se foi. Ela não sabia que eu ainda estava acordada. Pensei comigo mesma: "Há um instante atrás eu me sentia segura e não tinha medo, porque a mamãe estava ao meu lado. E agora, onde ela está? No outro quarto, bem pertinho. Por que eu deveria ter medo?".

Fechei os olhos e comecei a pensar nos versículos que se recita na leitura do Shemá antes de dormir: "D'us está comigo, não temerei", "Você, D'us, me protege"... Quando pensei no versículo "Hamalach hagoel - o anjo que me salva de todo o mal", senti um calor em meu coração. Senti-me segura. Afinal, eu estava nas mãos de D'us, um bom anjo cuidava de mim, e a mamãe estava no outro quarto...

Adormeci.

De manhã, fui direto para a cozinha e disse para mamãe:

- Mamãe! Meus medos desapareceram! De agora em diante, você poderá dormir tranquila.

De fato, desde aquele dia, sinto-me maior e livre daqueles medos ridículos.

Para vocês, crianças que têm medo de noite, eu digo: Não tenham vergonha de seus medos, isso é normal de acontecer com crianças. Mas façam de tudo para não se acostumarem a dormir com o papai e a mamãe. Façam o que eu fiz para se livrarem do medo sem motivo! Isto se chama "amadurecer". Tentem e verão que vai dar certo!

Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",  
baseado em cartas recebidas de crianças.

Tradução de Guila Koschland Wajnryt.  
Permissões exclusivas para a Nascente.



# *Leiluy Nishmat*

*Moshê ben Shefia z"l*

*Nissim ben Emilie z"l*



*Raffaele ben Salha Picciotto z"l*

*Ester bat Sofi Shafia z"l*

*Renée Khafif bat Emily z"l*



*Shlime bat Feigue z"l*

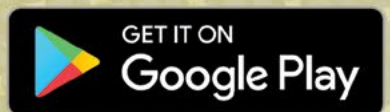


# APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!





Abraham Douer e Charles Cohab  
desejam saúde e alegria para toda a comunidade!



# Bank Cainvest

[www.cainvest.com](http://www.cainvest.com)